



# Teologia Brasileira

Nº 103 | 2024 ISSN 2238-0388

O ministério de capelania como prática transformacional da igreja

*Flávio Bessa*

4

Uma nota de agradecimento  
a Wayne Grudem

*Thomas Nettles*

17

A arquitetura do novo Êxodo: a influência  
de Isaías sobre a estrutura e teologia  
dos Evangelhos Sinóticos

*Willian Vitor Orlandi*

24

O apoio da Convenção Batista do Sul dos  
Estados Unidos ao Estado de Israel

*Franklin Ferreira*

42

*Lançamentos*

54



VIDA NOVA

# Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

**A** Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Editor:

Franklin Ferreira

Produção editorial:

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação:

Sandra Reis Oliveira

Contato:

[teogiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)

## Editorial

**E**stá disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, Flávio Bessa destaca a importância da capelania, propondo que essa prática eclesiástica seja valorizada e integrada de forma mais significativa nas atividades ministeriais.

Thomas Nettles homenageia Wayne Grudem por sua aposentadoria como professor e pela sua contínua contribuição à teologia cristã. Grudem, reconhecido por suas obras influentes, planeja dedicar-se à escrita ainda mais.

Willian Vitor explora a influência de Isaías na estrutura e na teologia dos Evangelhos Sinóticos, mostrando como as profecias do Antigo Testamento moldaram a narrativa de Mateus, Marcos e Lucas.

Por fim, Franklin Ferreira aborda o apoio da Convenção Batista do Sul ao Estado de Israel.



Assista ao vídeo!

Nesta palestra apresentada durante o Café para Pastores e Líderes Vida Nova, na Igreja Batista Jardim Botânico, o pastor Heber Campos Jr. explora o tema da importância da pregação cristocêntrica.

# O ministério de capelania como prática transformacional da igreja

*Flávio Bessa*



## Introdução

**A**s práticas eclesiásticas são atividades desenvolvidas pelo ministro religioso no contexto da comunidade em que serve, tais como: discipulado, aconselhamento, evangelismo, pequenos grupos, disciplina na igreja e a pregação do evangelho. Essas são algumas das ações conhecidas e vivenciadas no ministério. No entanto, há uma prática que tem sido pouco experimentada pela igreja que é a capelania. Poucos ministros têm se dedicado a essa atividade na atualidade que contempla diversas áreas: escolas, faculdades, hospitais, asilos, quartéis, empresas e até cemitérios. O campo de atuação da área da capelania é grande, mas poucos são os trabalhadores.

Existe um sentimento comum de que para fazer a obra de Deus é preciso ir além-mar. Transpor continentes. Mas o ministério pode estar bem próximo. Basta parar e observar em volta. Será que existe algum hospital próximo da igreja? Um quartel da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros Militar? Uma delegacia de Polícia Civil? Um presídio? Uma unidade socioeducativa? Um asilo? Um centro

empresarial? Ou um cemitério? Percebe-se que como prática eclesiástica, a capelania possui um campo vasto, cuja seara está pronta para a colheita. Urge saber aproveitar as oportunidades.

Assim, este artigo propõe ver a capelania com a perspectiva de uma prática eclesiástica que precisa receber a devida atenção ministerial, pois, nota-se que uma grande e favorável porta se encontra aberta no contexto urbano para que as igrejas locais possam cumprir a missão de ser luz do mundo e sal da terra. O propósito não é que todos os ministros e obreiros se tornem capelães, pois há diversidades de dons e ministérios. No entanto, é importante conscientizar a igreja acerca dessa atividade, a fim de que os vocacionados possam ser equipados para trabalharem nesse campo que possui relevante interesse social e espiritual.

A primeira seção deste artigo tratará de refletir acerca da função da igreja local. A segunda seção será sobre os fundamentos bíblicos e teológicos da capelania. E, por último, será feita uma abordagem do contexto organizacional e dos fundamentos legais para o desenvolvimento da capelania nas suas diversas áreas.

## 1. A função da igreja local

Nesta seção será apresentada uma reflexão da função da igreja local. Segundo Hayes (2002) a primeira ocorrência da palavra grega *ekklésia* no Novo Testamento está no texto de Mateus 16.18: “edificarei a minha igreja”, no qual Cristo falou da igreja ainda vindoura. De acordo com Menzies e Horton (1995), foi a partir dessa passagem que a palavra igreja começou a ser usada nos escritos neotestamentários. Em um sentido restrito, a palavra passou a designar um círculo de crentes de alguma localidade definida objetivamente como *igreja local*. Assim, das ocorrências da palavra igreja no Novo Testamento, a maioria pode ser relacionada à congregação local.

Nesse sentido, encontram-se relatos no Novo Testamento indicando a existência de igrejas específicas, como: Jerusalém, Antioquia, Roma, Corinto, Filipos, Tessalônica, Éfeso, Colossos e as sete igrejas do Apocalipse na Ásia menor. Portanto, a igreja local é um grupo específico de crentes que vivem numa determinada localidade e essas igrejas locais devem exercer uma função na sociedade em que estão inseridas.

O apóstolo Pedro exortou a igreja: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamar desas virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9).

O próprio senhor Jesus disse:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para coloca-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt 5.14-16).

Essa função é a missão da igreja cujos desígnios bíblicos incluem os ministérios voltados para dentro e para fora da comunidade, como enviada do Senhor neste mundo decaído por causa do pecado. Assim, a missão da igreja é expressa por meio do texto bíblico conhecido como *A Grande Comissão*: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19; cf. Mc 16.15), a qual é desdobrada em várias práticas no âmbito da igreja local.

Segundo Dever (2018, p. 162) “De acordo com o Novo Testamento, a igreja é, primariamente, um corpo de pessoas que confessam e dão evidência de que foram salvas apenas pela graça de Deus, tão-somente para sua glória e por meio da fé em Cristo somente”. Conforme o autor, à luz do Novo Testamento: “O ajuntamento de pessoas comprometidas com Cristo em determinada área constitui uma igreja” (DEVER, 2018, p. 163).

Ainda sobre o conceito neotestamentário da igreja, Ed Hayes ensina:

A igreja consiste nos crentes em Jesus Cristo, batizados no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, compromissados uns aos outros em amor, e **chamados para fora deste mundo a fim de viverem em** uma comunhão de adoração, **cuidado e testemunho** (HAYES, 2022, p. 24, grifo meu).

Segundo o precitado autor, a igreja é uma comunidade de crentes chamados para praticarem o cuidado e o testemunho cristão. “Por essa razão, **acreditamos demais na Igreja de Cristo e no bem que ela pode fazer ao mundo**, especialmente quando age como deve agir” (STEZER; QUEIROZ, 2017, p. 18, grifo meu).

Neste ponto, indubitavelmente se encontra na igreja a prática da capelania, haja vista o cuidado com o próximo e o testemunho cristão. Essas são ações que levam as igrejas a cumprirem com a sua missão na comunidade em que estão inseridas. “Uma igreja precisa olhar ao redor e perceber quem vive ali. Ela tem de

perceber-se chamada para buscar aqueles que estão nos arredores e cuidar deles” (STEZER; QUEIROZ, 2017, p. 56-7).

Deste modo, sendo a igreja o sal da terra e a luz do mundo, o ministério da capelania tem a capacidade transformacional de se mover em direção à comunidade e restaurar o sabor do sal no paladar, por meio das suas diversas áreas: hospitalar, escolar, carcerária e militar, as quais visam a colaboração com o interesse público da sociedade pela proclamação das virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

## 2. Fundamentos bíblicos e teológicos da capelania

Na Bíblia se encontra diversas passagens que fundamentam teologicamente o ministério da capelania. Na criação do ser humano, as Escrituras ensinam que: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1.27). A imagem de Deus no ser humano o dota de dignidade que merece o devido cuidado. Assim, quando o homem assiste o seu semelhante, está assistindo um ser criado a imagem de Deus. “O ser humano é um ser belo pela imagem da divindade refletida na criação. Essa beleza reverbera a dignidade inerente dada por Deus. Sua valorização vem de sua origem em Deus” (ALVES, 2017, p. 17).

Por isso, Jesus disse ao ensinar sobre o grande julgamento:

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, **sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.** Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda:

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estrangeiro nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, **sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.** E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna (Mt 25.31-46, grifo meu).

Assim, sempre que a igreja assiste um estrangeiro, um enfermo ou um preso, está assistindo ao Senhor, pois são pessoas feitas a imagem e semelhança de Deus.

Outro texto bíblico bastante conhecido que fundamenta o serviço de capelania é a parábola do *Bom Samaritano* que Jesus contou para um intérprete da Lei que tentou lhe colocar à prova.

E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então, Jesus lhe perguntou: Que está escrito na Lei? Como interpretas? A isto ele respondeu: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Então, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; faze isto e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu te indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da Lei:

O que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo (Lc 10.25-37).

Essa compaixão e cuidado que o bom samaritano teve para com a pessoa que veio a ser roubada, ferida por ladrões e abandonada a beira do caminho, representa a atividade de capelania, que é proclamar o evangelho por meio da demonstração do amor prático. O capelão é como um enfermeiro que cuida de quem precisa de cuidado, independente das diferenças que vem da religião, do gênero, da ideologia ou de opiniões políticas.

A prática eclesiástica da capelania tem “por motivação a compaixão cristã” (ALVES, 2017, p. 68). Por isso o capelão é um ministro que possui os dons de “misericórdia” (Rm 12.8) e “socorros” (1Co 12.28) e usa tais dons em favor do próximo, pois capelania é uma atividade de amor ao próximo. Sobre o amor ao próximo, certa vez um fariseu perguntou a Jesus:

Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mt 22.36-40).

Dessa forma, a capelania encontra fundamento no *Grande Mandamento* que é amar a Deus, de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento; e amar o próximo como a si mesmo. Portanto, o capelão é um ministro religioso que pratica o amor a Deus, amando o próximo como a si mesmo. Pois toda a lei se cumpre em um só preceito que é amar o próximo como a si mesmo (cf. Gl 5.14), como bem proclama Ozéias de Paula na canção: “Eu quero dar amor” (PAULA, 1976), considerada por muitos como um hino à capelania:

Eu quero amar sem barreiras  
Eu quero amar sem fronteiras  
Eu quero amar sem limites,  
ou preconceitos,  
Eu quero amar seja quem for  
Eu quero dar amor

Eu quero dar amor  
Eu quero dar amor  
Foi Cristo que me ensinou  
Eu quero é dar amor

Eu quero amar sem medida  
Aos pobres loucos da vida  
Eu quero amar quem me fere ou mata o corpo  
Eu quero ser somente amor  
Eu quero dar amor

Eu quero amar ao mendigo  
Ao rico ao pobre ao amigo  
Eu quero dar uma parte, da minha alegria  
A quem soluça em meio a dor  
Eu quero dar amor

A capelania é uma prática que oferece oportunidades para a igreja servir como Jesus serviu, “tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Assim, o apóstolo Pedro exortou as igrejas dispersas na Ásia Menor: “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10). Portanto, a capelania se encontra na multiforme graça de Deus de levar o amor ao próximo.

### 3. Contexto organizacional e a fundamentação legal da capelania

A capelania é uma prática eclesiástica altamente especializada em que o ministro precisa ter um conhecimento específico para servir não somente em sua comunidade eclesiástica, mas também em meio as empresas do setor privado e organizações públicas, pois esses ambientes possuem uma cultura organizacional diferente do contexto religioso da igreja, na qual o pastor está acostumado a lidar.

Segundo a matéria publicada na revista Valor Econômica sobre o tema: “Cuidado com a saúde mental das equipes entra em nova fase” (BIGARELLI, 2021), é comentado que algumas organizações têm se preocupado com a saúde

mental dos seus funcionários e para evitar o aumento de licenças médicas no trabalho, em virtude de casos de ansiedade, *burnout*, depressão e estresse, eles têm incrementado em seus programas de bem-estar, espaços de acolhimento e assistência espiritual para melhoraria do ambiente de trabalho. Dentre esses programas, encontra-se inserida a capelania corporativa.

A capelania corporativa é um campo aberto à igreja. Todavia, existem desafios a serem superados para aqueles que desejam aplicar os conceitos da capelania no ambiente empresarial, pois as empresas têm como finalidade o lucro. Esta é a finalidade da empresa. Assim, quem se propõe a servir na capelania corporativa tem que ter em mente essa questão para ser pontual, rápido e assertivo em suas atividades. Pois, caso contrário, isso pode levar um rompimento da atividade de capelania por parte do empresário ou do administrador do negócio, caso a assistência interfira negativamente nos negócios da organização por meio de empregados que estejam deixando o trabalho para participarem de ministrações que perduram longo tempo dentro da empresa, ou em aconselhamentos demorados que afastam os funcionários dos locais de trabalhado. Portanto, o ministro que serve como capelão em um ambiente corporativo deve discernir que a *empresa não é sua igreja*.

Ademais, o capelão precisa compreender que esses locais são formados por pessoas de convicções religiosas diferentes e isso exige muita sabedoria e tato para ministrar nesses lugares a fim de evitar discussões, opiniões divergentes e julgamentos, bem como fazer proselitismos, pois essas condutas deterioram o ambiente de trabalho, criam divisões nas organizações e afastam as pessoas umas das outras.

Sendo assim, a prática da capelania é um trabalho de missão urbana em que o capelão deverá estar ciente e preparado para lidar com o pluralismo e ideologias diferentes que vai encontrar nesses locais. Vale relembrar o ensinamento do apóstolo Paulo:

Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não se agradou a si mesmo; antes, como está escrito: As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim (Rm 15.1-4).

Outro ambiente que também encerra muitos desafios é o setor público. As instituições públicas são formais, legalistas e possuem os seus protocolos e regramentos. O capelão deve conhecer o ambiente da instituição em que vai servir, a sua legislação, o regimento interno e a cultura organizacional. O Estado brasileiro não proíbe a assistência religiosa, até porque a República Federativa do Brasil tem como um dos seus fundamentos “a dignidade da pessoa humana” (art. 1º, inciso III, CF/88), o qual como se observou tem a sua origem no relato Bíblico da criação contida no livro de Gênesis:

Também disse Deus: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;** tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que ras- tejam pela terra. **Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou** (Gn 1.26-27, grifo meu).

Além disso, segundo Vieira (2018), a expressão “pessoa humana” remonta ao Concílio de Nicéia, onde ficou estabelecido as duas naturezas de Cristo — a natureza da pessoa humana e a natureza da pessoa divina. Mas apesar desse alinhamento entre a Constituição Federal e a teologia cristã, existe um grande desafio a ser superado pela pessoa que se propõe a servir como capelão nas instituições públicas, que é a questão do estado laico.

Sobre a laicidade do Estado, a Constituição é bem taxativa:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I — estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvenciona-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei; a colaboração de interesse público (Art. 19, inciso I, CF/88).

Essa separação entre o Estado e a igreja decorreria exatamente de Jesus que ao ser questionado pelos fariseus sobre se seria lícito pagar tributo a César ou não? Disse: “Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. En- tão, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”

(Mt 22.19-21). Dessa forma, o Estado e a igreja são duas instituições que atuam em campos distintos. Um no campo temporal, outra no espiritual.

O Estado deve ser neutro em questões religiosas, sendo vedado estabelecer cultos ou igrejas, subvencionar, embarasar o funcionamento ou manter com representantes relações de dependência ou aliança. No entanto, há uma ressalva para esta separação que é *a colaboração com o interesse público* porque mesmo sendo vedado a união dessas duas instituições, segundo exceção que se encontra no final do art. 19, inciso I da CF/88, igreja e Estado podem manter relações de aliança com fim de colaborar com o interesse público da sociedade.

Neste ponto, à concepção de Stezer e Queiroz (2017), de que *igrejas transformacionais* promovem transformações a partir do momento em que se envolvem com a comunidade ao seu redor a fim de mudar a realidade em sua volta, encontra-se alinhado ao conceito do interesse público. “As igrejas transformacionais constroem uma boa reputação na cidade. A determinação delas de trabalhar pelo bem da comunidade muda a percepção de quem elas são” (STEZER; QUEIROZ, 2017, p. 210). Portanto, igrejas transformacionais naturalmente se preocupam com o interesse público porque elas entendem que são luz do mundo e sal da terra e foram chamadas para brilhar na comunidade em que estão inseridas.

Sendo assim, com a devida ressalva “é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva” (Art. 5º, inciso VII, CF/88), porque colabora com o interesse público o serviço de assistência religiosa realizado nas entidades de internação coletiva praticado pelas igrejas, por meio das capelarias.

Desse modo, a capelania propicia:

[...] o cuidado pastoral nos espaços institucionais e sociais, onde a presença da igreja tem se tornado imperativa perante a Missão que recebeu do Senhor Jesus Cristo. Tais espaços são os quartéis, os presídios, os hospitais, as escolas, as empresas, os cemitérios, as populações vitimadas por catástrofes e outros nos quais o ministério de capelania, sem perder o conteúdo essencial herdado de sua gênese [que é a compaixão cristã], assume configurações peculiares a cada um deles (ALVES, 2017, p. 91).

Ademais, conforme o próprio Cristo ensinou: “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos [que se encontram

servindo em um quartel, enfermo em um hospital ou preso em um presídio], a mim o fizestes” (Mt 25.40). Enfim, a capelania deve ser uma atividade praticada pela igreja, pois Deus “honra o que se compadece do necessitado” (Pv 14.31).

## Conclusão

Desse modo, verifica-se que a capelania ao ser vista como uma prática eclesiástica possui um grande campo missionário que se encontra bem próximo da comunidade, mas poucos ministros têm se dedicado a essa atividade. O propósito desta pesquisa foi destacar a importância dessa prática, bem como despertar as pessoas para o ministério da capelania e dar a devida atenção eclesiástica que o assunto merece para que os vocacionados possam ser equipados, a fim de trabalharem nessa atividade transformacional que possui relevante interesse social e espiritual.

Sabe-se que a igreja que assiste uma pessoa enferma ou um condenado, está cumprindo com sua missão bíblica de ser luz do mundo e sal da terra, tendo em vista que a prática da capelania encontra fundamento no principal mandamento deixado por Jesus, que é amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, sendo que o amor para com Deus se demonstra amando o próximo como a si mesmo.

Além disso, como se pôde observar, a capelania é um ministério altamente especializado em que o ministro tem que saber transitar tanto no setor público como no privado, em meio a instituições que possuem culturas organizacionais diferentes. Dessa maneira, o ministro deve estar atento ao ambiente corporativo das empresas privadas, o pluralismo religioso e além de observar a laicidade do Estado para atuar nas instituições públicas.

Por fim, existem grandes desafios para essa prática eclesiástica, mas urge saber aproveitar as oportunidades, pois a igreja é o corpo de Cristo que está no mundo para levar transformação.

## Referências bibliográficas

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Almeida* (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).
- BIGARELLI, Bárbara. Cuidado com a saúde mental das equipes entra em nova fase. Valor Econômico. São Paulo, 27 setembro 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/carreira/noticia/2021/09/27/cuidado-com-a-saude-mental-das-equipes-entra-em-nova-fase.ghtml>>. Acesso em 08 janeiro 2023.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 05 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 23 dezembro 2022.
- DEVER, Mark. *Nove marcas de uma igreja saudável* (São José dos Campos: Fiel, 2018).
- HAYES, Ed. *A Igreja: o corpo de Cristo no Mundo de hoje* (São Paulo: Hagnos, 2002).
- ALVES, Gisleno Gomes de Faria. *Manual do Capelão: teoria e prática* (São Paulo: Hagnos, 2017).
- MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. *Doutrinas Bíblicas: uma perspectiva pentecostal* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995).
- PAULA, Ozéias de. Eu quero dar amor. In: PAULA, Ozéias de. *Depois da Chuva* (Bandeira Branca, 1976). Faixa 6 (3min 46s).
- STEZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. *Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador* (São Paulo: Mundo Cristão, 2017).
- VIEIRA, Thiago Rafael. O estado laico brasileiro. Revista Teologia Brasileira, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/o-estado-lai-co-brasileiro/>>. Acesso em 26 dezembro 2022.



Flávio Bessa

### Sobre o autor

Mestrando em Teologia com ênfase em Ministério pelo *Seminário Evangélico da Igreja de Deus* (SEID Nacional), especialista em Teologia Sistemática e em Missiologia, ambos pelo *Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper* (CPPAJ), graduado em Teologia pelo *Seminário Evangélico da Igreja de Deus* (SEID Nacional), com convalidação pela *Faculdade Unida de Vitória* (FUV) e Evangelista consagrado pela Igreja de Deus no Brasil.

# Uma nota de agradecimento a Wayne Grudem

*Thomas Nettles*



Recebi recentemente uma carta de oração do Wayne Grudem. Ele me enviou porque realmente desejava que orássemos para que a sua vocação e dons, suas experiências e projetos continuassem controlados por Deus, para a glória Dele e para o progresso da anunciação da Verdade. A carta desta semana tinha o seguinte título: “Terminar a minha carreira docente”. Ele compartilhou que após o término da aula de teologia “caminhei para fora da sala de aula sentindo uma espécie de cansaço que não me lembro de ter vivenciado algo parecido antes. A combinação da minha doença de Parkinson com o meu câncer de próstata, os tratamentos e os meus 76 anos de idade resultaram na conclusão de que não tenho mais a mesma energia de antigamente”. Depois de consultar Margaret, os especialistas e os seus conselheiros de confiança, Wayne tomou uma decisão: “Esse será o meu último semestre como professor”. Wayne havia iniciado o seu ministério na área acadêmica em 1977-1981 no *Bethel College* em St. Paul. Em 1981 até 2001 ele lecionou na *Trinity Evangelical Divinity School*. Em 2001 iniciou o seu mandato de 23 anos como professor no *Phoenix Seminary*, em Scottsdale, Arizona. Ao longo de 47 anos, Grudem ensinou 9.000 alunos. Agora ele se dedicará aquilo que faz tão bem: escrever.

Vale a pena considerar a atitude de Wayne diante desse contexto de vida. Tendo pais que viveram até os 90 anos, quase duas décadas poderiam permanecer e uma administração cuidadosa o leva a dizer: “Preciso da sabedoria de Deus para discernir onde devo gastar o meu tempo”. Certamente, os leitores deste post irão se solidarizar espiritualmente com esse desejo e orarão pela utilidade desse pregador do evangelho.

Ao refletir sobre o momento atual de sua vida, Grudem citou um texto bíblico que Vern Poythress, certa vez, havia compartilhado com ele:

Não me rejeites na minha velhice;  
não me desampares, quando minhas forças se forem.  
Ó Deus, tu me ensinaste desde a minha mocidade,  
e até aqui tenho anunciado tuas maravilhas.  
Agora, que estou velho e de cabelos brancos,  
não me desampares, ó Deus,  
até que eu tenha anunciado tua força a esta geração,  
e teu poder, às gerações do futuro  
(Sl 71.9,17-18, ARA21).

Oferecendo a sua visão sobre como a confiança no poder do Espírito é fundamental para compreender a vida, Grudem observou: “Acho interessante o fato de não pensar na velhice como algo a ser temido. Antes, parece que estou numa maratona onde após ter virado a esquina, avistei, mesmo que de longe, a linha de chegada. Pensar que talvez eu já tenha percorrido 80% da corrida é, para mim, uma sensação reconfortante”.

A produção literária de Grudem nas diversas áreas da teologia e da cultura tem sido profunda e fundamental. Ele trabalhou questões espirituais, teológicas, exegéticas, empresariais, políticas e éticas. O seu envolvimento com esses temas tem sido consistente, grandioso e amplo, ao ponto que qualquer tentativa de fazer um resumo de toda a sua obra, seria impossível. Em seu livro *O dom da profecia: no Novo testamento e hoje*, ele amplia os seus argumentos em favor da presença contínua do dom da profecia, uma ponderação contra a ideia de uma dependência irrefletida ou desinformada da ação do Espírito. Isto é, contra a falsa ideia de que não precisamos pensar e refletir sobre as questões espirituais, o que deveríamos fazer seria apenas ser dirigidos pelo Espírito. O seu apêndice que trabalha os

temas sobre o Cânon e a suficiência das Escrituras é profundo e, em termos apologeticos, seguro. Ele diz que: se alguém disser que possui a mensagem de Deus para a nossa vida prática e diante dessa mensagem nós não seguirmos, não será errado desconsiderá-la, a menos que ela possa ser confirmada pelas páginas das Escrituras (p. 308). Ele também fez esta advertência: “Se o pastor não se prepara para ensinar a Bíblia e, ao mesmo tempo, afirma que está confiando na ação do Senhor para lhe dar o conteúdo na hora, então ele estará, em minha opinião, tentando forçar que Deus lhe revele algo enquanto fala [...] Subir ao púlpito sem se preparar é como saltar do pináculo do templo. É recusar o uso daquilo que foi lhe dado pela graça de Deus e ao mesmo tempo exigir que Deus lhe conceda uma informação extraordinária que dê conta de libertá-lo do seu dilema” (p. 258).

A aplicação dos princípios bíblicos às questões políticas é uma marca do serviço prestado por Grudem. Na sua obra *Política segundo a Bíblia*,<sup>1</sup> [originalmente] de mais de 600 páginas, ele desenvolve uma discussão por meio de “princípios básicos”, “questões específicas” e “observações conclusivas”. A seção final serve como um excelente sumário das suas conclusões e da forma como os diferentes compromissos dos partidos políticos se alinharam com as suas observações. Grudem não se esquia de nenhuma questão difícil, pelo contrário, ele procura desenvolver, por meio das Sagradas Escrituras, o argumento capaz de respondê-la, tendo em vista, a sua diversidade e especificidade. A primeira questão específica, por exemplo, é a “proteção a vida”, no âmbito que se discute não só o aborto e a eutanásia, mas também o direito dos cidadãos de possuírem armas. Grudem discute sobre a CIA, as alterações climáticas, os interrogatórios coercivos, a economia (em dez categorias), o casamento e a família, a defesa nacional, a política externa, a liberdade de expressão e de religião e outras questões. Na seção sobre cosmovisão, ele inicia da seguinte forma: “A primeira sentença das Escrituras nos revela o elemento mais importante de uma visão cristã do mundo: ‘No princípio criou Deus os céus e a terra’” (p. 116). Como ele mantém ao longo da sua argumentação, este mundo pertence a Deus e os governos e seus sistemas políticos prosperarão e atuarão como agentes redentores ou falharão e aumentarão a corrupção na medida em que mantiverem a relação adequada entre responsabilidade humana, a visão moral e o julgamento justo.

Na obra *Christian ethics: an introduction to biblical moral reasoning* [Ética cristã: uma introdução aos fundamentos bíblicos], de aproximadamente 1300 pá-

---

<sup>1</sup>Publicado por Vida Nova.

ginas, Grudem não se preocupa apenas em encontrar argumentos bíblicos para um número considerável de problemas morais complexos, mas também em fomentar uma reflexão que toque em assuntos relacionados ao caráter cristão e ao desejo de viver para a glória de Deus. Nesta obra, assim como em outras, Wayne expõe e defende a autoridade das Escrituras como Palavra de Deus. Ele argumenta que além de informar a mente e moldar as ações, uma vez contemplada, ela transforma a vida daqueles que a estuda, que a aprecia e que guarda no coração as suas palavras, com objetivo de se conformarem à imagem de Cristo (p. 107-15). No capítulo sobre “Homossexualidade e Transgênero”, Grudem escreve cerca de 50 páginas para mostrar por meio de argumentos bíblicos as discussões rasas que defendem um comportamento contrário as Sagradas Escrituras bem como ideias dissonantes de outros estudiosos da área da ética.

Wayne não foge das questões difíceis. Com isso, ele nos ajuda a enfrentar, segundo as Escrituras, as possíveis questões do relativismo naturalista que poderão surgir, sobretudo, aplicados à ética. As partes dois a sete foram escritas com base nos dez mandamentos, mostrando o quanto a exclamação do salmista é verdadeira: “Tenho constatado que toda perfeição tem limite; mas não há limite para o teu mandamento” (Sl 119.96). No final de cada capítulo é possível localizar uma passagem bíblica para memorização e um hino relacionado ao assunto discutido. Embora os problemas, com frequência, sejam complexos e os riscos à integridade pessoal, estabilidade social e justiça sejam elevados, as discussões e aplicações bíblicas facilitam na compreensão dos raciocínios dos temas abordados. Por exemplo, um princípio geral aplicável às diversas questões do desejo moral pode ser visto no seguinte argumento: “Em cada geração somos tentados a nos afastar da suficiência das Sagradas Escrituras e aderir os novos tipos de legalismos e erros decorrentes dos discursos impregnados de regras extrabíblica” (p. 688).

A sua *Teologia sistemática*<sup>2</sup> contém 1600 páginas de intensa discussão bíblica dos elementos dogmáticos, dividida em sete partes: as Sagradas Escrituras, Deus, o homem à imagem de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo, redenção e os seus desdobramentos, a igreja e o futuro. Esse livro, inclusive, foi editado em duas versões menores, mas igualmente úteis para os estudos na igreja.

---

<sup>2</sup>Publicado por Vida Nova.

Semelhante à experiência de boa parte da tradição reformada e evangélica, Wayne Grudem disse abertamente da influência que recebeu da obra *Cristianismo e liberalismo* do autor J. Gresham Machen. Essa obra foi fundamental para ele, levando-o a se engajar de forma séria aos assuntos doutrinários e a construir argumentos fortes e respaldados pela Escritura. Um exemplo desta influência pode ser encontrado na seção sobre as Sagradas Escrituras onde encontramos uma tabela que apresenta por meio de categorias distintas (Bíblia, doutrina, Deus, etc.) um contraste entre o liberalismo (que ele extraiu do livro *Cristianismo e liberalismo*) e a visão bíblica (extraída da Bíblia).

Ninguém deveria duvidar que os argumentos de Grudem a respeito da cristologia estão de acordo com a tradição ortodoxa. Dentro do cenário de uma exposição meticulosamente elaborada sobre o desenvolvimento bíblico e confessional da confissão da pessoa de Cristo pela igreja (p. 663-705), na seção onde foi discutida a questão da impecabilidade, Grudem disse: “Mas a natureza humana de Jesus nunca existiu apartado da sua natureza divina. No seu nascimento, ele passou a ser verdadeiramente Deus e verdadeiro homem. Isto é, tanto a sua natureza divina quanto a sua natureza humana existia em uma única pessoa” (p. 673).

Grudem relata o seu envolvimento amplo e profundo com a teologia contemporânea e histórica. De forma pertinente e com boas colocações, é nítida a amplitude do seu repertório tanto ao vermos os seus argumentos presentes no texto quanto nas citações das notas de rodapé. Nota-se também que em cada capítulo contém perguntas para uma aplicação pessoal e uma dupla bibliografia onde, na primeira, pode-se encontrar uma lista das principais tradições teológicas e os números das páginas onde as suas contribuições sobre o tema do capítulo apareceram. A outra lista é uma relação das obras dedicadas ao assunto trabalhado. Por exemplo, o capítulo sobre expiação contém 46 livros listados. Sobre esta doutrina, Grudem afirmou: “Em suma, parece-me que a posição reformada da redenção particular é mais consistente com o ensino geral das Escrituras” (p. 743). Logo após a sua definição pessoal, Grudem adverte contra as famosas “picuinhas que fomentam disputas desnecessárias” (p. 744). Mais uma vez, reforço, que cada capítulo inclui um versículo para memorização e um hino.

No livro intitulado *Teologia da livre graça*,<sup>3</sup> Grudem analisou um movimento moderno conhecido como sandemanianismo ou “graça livre”. Assim como An-

---

<sup>3</sup>Publicado por Vida Nova.

drew Fuller havia feito, ele investigou as principais ideias do movimento por meio de uma exegese bíblica detalhada pela história confessional e a relação necessária entre arrependimento e fé. Ou seja, embora a justificação envolva certamente uma crença na verdade, o papel do Espírito Santo em guiar alguém para um relacionamento salvífico com Jesus Cristo e sua obra redentora vai além de apenas aceitar a verdade. Ao apontar claramente os equívocos da “graça livre”, Grudem também busca ajudar o leitor a compreender as razões por trás dessa reação doutrinária e propõe formas de promover um espírito de união.

A última contribuição que gostaria de destacar é o seu papel fundamental no início e na conclusão da tradução da Bíblia conhecida como *English Standard Version* (ESV). Devido a divergências com algumas teorias de tradução do NIV, Wayne se debruçou durante muito tempo, oferecendo muita energia e conhecimento teológico a esse projeto. Por fim, ele também desempenhou um papel importante no Comitê de Supervisão da Tradução da própria versão e atuou como editor geral da *Bíblia de Estudo ESV* [publicada no Brasil como *Bíblia de Estudo NAA*].

Não há espaço para comentar sobre as suas outras obras, como por exemplo: *Recovering biblical manhood and womanhood*,<sup>4</sup> *Negócios para a glória de Deus*,<sup>5</sup> seu *Comentário bíblico de 1 Pedro*<sup>6</sup> e dezenas de artigos apresentados em reuniões profissionais. Wayne demonstrou um verdadeiro caráter cristão em seus relacionamentos familiares, desde os pais até os netos. Ele e Margaret trabalharam juntos, oferecendo encorajamento e hospitalidade a muitos cristãos peregrinos. Em nome de milhares de cristãos, expresso um sincero agradecimento a ele por seu amor inabalável e comprometimento com a Bíblia. Pelo seu compromisso com o Deus da Bíblia e por seu trabalho incansável em torná-la conhecida. Oramos para que sua dedicação ao evangelho em suas atividades após a sala de aula seja gratificante enquanto ele contempla a “linha de chegada à distância”.<sup>7</sup>

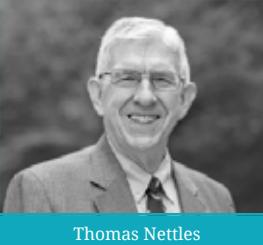
---

<sup>4</sup>Publicado por Fiel sob o título *Homem e mulher e seu papel bíblico no lar, na igreja e na sociedade*.

<sup>5</sup>Publicado por Cultura Cristã.

<sup>6</sup>Publicado por Vida Nova.

<sup>7</sup>Publicado originalmente como Tom Nettles, “A Statement of Appreciation for Wayne Grudem”, *Founders Ministries*, em: <https://founders.org/articles/a-statement-of-appreciation-for-wayne-grudem/>.



Thomas Nettles

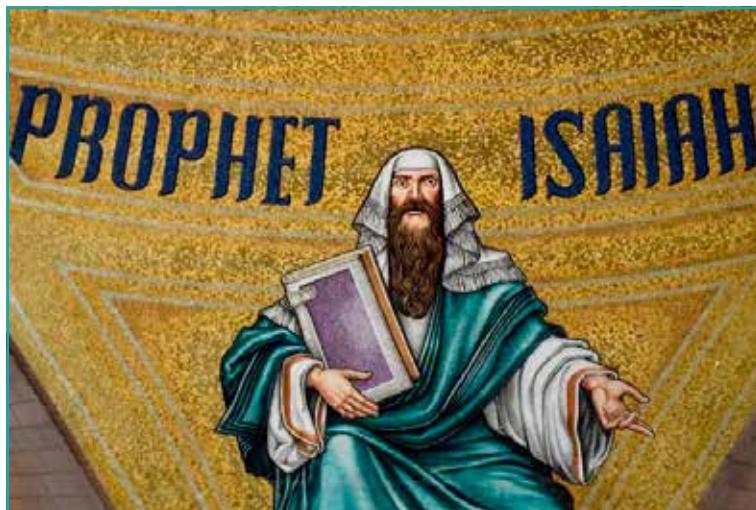
### Sobre o autor

É Professor de Teologia Histórica no *The Southern Baptist Theological Seminary*. Ele anteriormente lecionou na *Trinity Evangelical Divinity School*, onde foi Professor de História da Igreja e Chefe do Departamento de História da Igreja. Antes disso, ele lecionou no *Southwestern Baptist Theological Seminary* e no *Mid-America Baptist Theological Seminary*.

Além de numerosos artigos de revistas e trabalhos acadêmicos, o Dr. Nettles é autor e editor de quinze livros. Entre seus livros estão *Os batistas e as doutrinas da graça* (publicado por Pro Nobis); *Baptists and the Bible* [Batistas e a Bíblia], *James Petigru Boyce: a southern Baptist Statesman* [James Petigru Boyce: um estadista batista do sul] e *Living by revealed truth: the life and pastoral theology of Charles H. Spurgeon* [Vivendo pela verdade revelada: a vida e a teologia pastoral de Charles H. Spurgeon].

# A arquitetura do novo Éxodo: a influência de Isaías sobre a estrutura e teologia dos Evangelhos Sinóticos

Willin Vitor Orlandi



## Introdução

Uma das tendências mais interessantes da hermenêutica bíblica atualmente é como o Novo Testamento (NT) usa o Antigo Testamento (AT).

Dentro desse campo de pesquisa, o uso do livro de Isaías, especialmente em seu tema do novo Éxodo, tem ganhado muita atenção em pesquisas recentes. Um dos mais antigos e extensos é o livro de Rikki E. Watts sobre o novo Éxodo de Isaías em Marcos, publicado em 1997.<sup>1</sup> Segue-se a ele, ainda que de forma não tão programática, o livro de Richard Beaton sobre Mateus, de 2002.<sup>2</sup> Fortemente influenciado por Watts, David Pao publicou sobre o novo Éxodo de Isaías em

---

<sup>1</sup>WATTS, Rikki E. *Isaiah's New Exodus in Mark*, WUNT 2/88 (Tübingen: Mohr Siebeck, 1997).

<sup>2</sup>BEATON, Richard. *Isaiah's Christ in Matthew's Gospel*, SNTSMS 123 (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).

Atos, em 2000.<sup>3</sup> Sobre essa temática em João, temos o estudo de Daniel Brendsel de 2014.<sup>4</sup> Já em 2005, Steve Moyise e Maaten J. J. Menken editaram um volume todo dedicado ao uso de Isaías em todo o NT.<sup>5</sup> Esses são apenas alguns exemplos de obras fundantes. A bibliografia especializada sobre o uso de Isaías no NT hoje está muito maior (especialmente o “isaiânico” novo Éxodo, doravante, INE).<sup>6</sup>

Sobre o quesito de quantificação, das 21 passagens de Isaías citadas nos 4 Evangelhos,<sup>7</sup> 13 delas se encontram em Mateus, 7 em Marcos, 5 em Lucas e 4 em João. A tabela abaixo ilustra bem essas citações:<sup>8</sup>

<b>Isaías</b>	<b>Mateus</b>	<b>Marcos</b>	<b>Lucas</b>	<b>João</b>
6.9			8.10	
6.9-10	13.14-15	4.12		
6.10				12.40
7.14	1.23a			
8.8, 10	1.23b			
9.1-2	4.15-16			
13.10	24.29	13.24		
29.13	15.8-9	7.6-7		
34.4	24.29	13.25		
40.3	3.3	1.3		1.23

<sup>3</sup>PAO, David W. *Acts and the Isaianic New Exodus*, WUNT 2/130 (Tübingen: Mohr Siebeck, 2000). Para uma crítica à exegese de Pao, ver o apêndice G de WITHERINGTON III, Ben, *Isaiah old and new: exegesis, intertextuality, and hermeneutics* (Minneapolis: Fortress Press, 2017).

<sup>4</sup>BRENDSEL, Daniel J. “Isaiah Saw His Glory”: The Use of Isaiah 52–53 in John 12, BZNW 208 (Berlin: de Gruyter, 2014).

<sup>5</sup>MOYISE, Steve; MENKEN, Maaten J. J., orgs.. *Isaiah in the New Testament: The New Testament and the Scriptures of Israel* (London and New York: T & T Clark, 2005).

<sup>6</sup>O mais fluido para o português seria novo Éxodo isaiânico, que poderíamos abreviar para “NEI”. Entretanto, para manter uma continuidade com a literatura inglesa, que já consolidou a abreviação “INE” (isaianic new exodus), manteremos a abreviação “INE” também em português.

<sup>7</sup>João será incluído apenas nessa parte do artigo.

<sup>8</sup>Essa tabela é uma compilação dos dados encontrados na UBS5, “INDEX OF ALLUSIONS AND VERBAL PARALLELS,” p. 864-83 e no “LOCI CITATI VEL ALLEGATI,” Nestle-Aland Novum Testamentum Graece (NA28) (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012), p. 836-78.

40.3-5			3.4-6	
42.1-3	12.18-20			
42.4	12.21			
45.21		12.32		
53.1				12.38
53.4	8.17			
53.12			22.37	
54.13				6.45
56.7	21.13	11.17	19.46	
61.1-2			4.18-19	
62.11	21.5			

Por mais valioso que seja o levantamento acima, ele não consegue exaurir a importância de Isaías para os Evangelhos. Não levamos em conta alusões, ecos e outras formas de intertextualidade. Nossa análise estará para além dos níveis morfológicos e sintáticos (ainda que se valendo deles), a fim de olharmos para esses textos como um todo, tentando discernir as “macro-influências” de Isaías sobre esses textos.

## 1. INE em Marcos

Ao tratar da pesquisa de Watts, iremos necessariamente focar nos seus insights para a estrutura geral de Marcos. Tendo argumentado que o uso de Isaías 40 no início de Marcos 1, passagem esta que anuncia o novo Éxodo (doravante NE), Watts observa que dois conjuntos de textos de Isaías são usados para falar sobre a cegueira judicial e o endurecimento dos oficiais religiosos judeus que desafiam Jesus, primeiro em Marcos 4.12, onde Isaías 6.9-10 é citado, e depois em Marcos 7.6-7, que se baseia em Isaías 29.13.<sup>9</sup> Isaías é usado não apenas para transmitir as “boas notícias”, mas também as “máx notícias”.

Voltando ao prólogo de Marcos, Watts demonstra a intertextualidade presente em Marcos 1.1-3 e sua importância para a estrutura desse Evangelho como um todo:

Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. “Conforme está escrito no profeta Isaías: Estou enviando à tua frente meu mensageiro, que preparará teu caminho;” 3 voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor,

---

<sup>9</sup>Veja a discussão em Watts, *Isaiah's New Exodus*, p. 183-4.

endireitai suas veredas (Mc 1,1-3; A21).

Basicamente nessa introdução marcana temos 3 citações do AT unidas:

Isaías 40. 3: “Voz do que clama: Preparai o caminho do SENHOR no deserto; endireitai ali uma estrada para o nosso Deus.”

Malaquias 3.1: “Enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente o Senhor, a quem buscais, o mensageiro da aliança, a quem desejais, virá ao seu templo. E ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos.”

Êxodo 23.20-33: “Eu envio um anjo à tua frente para guardar-te pelo caminho e conduzir-te ao lugar que preparei para ti.”

Watts analisa profundamente o contexto de cada uma dessas passagens, mostrando também a co-dependência entre elas (Isaías se baseia no Êxodo, Malaquias usa Êxodo e Isaías — além de todas estarem vinculadas pelo verbo “preparar”).

O tema do futuro NE em Isaías, ao ser citado logo nas linhas iniciais de Marcos, parece moldar a estrutura tripartite básica desse Evangelho. Watts (p. 135), ao resumir a teologia do NE em Isaías, mostra que a mensagem de libertação do profeta pressupõe tanto o momento fundador da redenção de Israel quanto um esquema subjacente do Êxodo de três partes:

- A) a libertação poderosa de Yahweh de seu povo exilado do poder da Babilônia e seus ídolos;
- B) uma jornada ao longo do “caminho”, em que Yahweh conduz seu povo do exílio para Jerusalém;
- C) a chegada a Jerusalém, onde Yahweh é entronizado em uma Sião gloriosamente restaurada. Em suma, o profeta apresenta a visão de Yahweh que depois de esmagar os poderes do caos e abrir caminho no deserto, gentilmente conduz seu rebanho para Sião.

Quais são as implicações para o Evangelho de Marcos? Normalmente Marcos é dividido em três grandes partes, cada uma delas seguindo de perto a teologia

de Isaías. Na primeira parte, Jesus é descrito como o poderoso Filho de Deus (Mc 1.16-8.26), curando enfermos, expulsando demônios, perdoando pecados, acalmando tempestades etc. Como o cumprimento sempre sobrepuja a profecia, Jesus, como YHWH encarnado, está libertando seu povo de poderes muito maiores e piores que a Babilônia. A segunda parte de Marcos é frequentemente chamada de seção do “caminho”, onde Jesus prediz sua morte várias vezes (Mc 8.27-10.52). A implicação é que o “caminho” do NE é necessariamente o caminho da cruz, único meio de libertação e salvação. A terceira e última parte de Marcos mostra Jesus como o servo sofredor (de Is 53!) que vai para Jerusalém morrer e ressuscitar (11.1-16.8(20)). Assim, a categoria do servo sofredor de Isaías reconfigura a categoria messiânica de Filho (de Deus), e a categoria de poder é ressignificada à luz do caminho da salvação que é a cruz.

### 1.1. Implicações cristológicas

As implicações cristológicas do uso de Isaías em Marcos são imensas, porque tudo o mais que se diga sobre Jesus deve ser interpretado dentro desse quadro referencial maior do NE. Mas a principal pontuação que podemos esboçar é que Jesus é YHWH em carne, o guerreiro Divino que luta pelo seu povo, vence seus inimigos (o pecado, o Diabo, a morte) e traz a salvação escatológica prometida no AT.

## 2. INE em Mateus

O Evangelho de Mateus é considerado o mais “judaico” do NT e naturalmente aquele que contém mais referências explícitas ao AT (duas vezes mais citações do que nos demais Evangelhos). Ao compor seu texto, Mateus se valeu de uma cosmovisão completamente fundamentada no imaginário teológico da Bíblia Hebraica, com referências a vários livros, especialmente Jeremias, Zacarias, Ezequiel, Salmos e Isaías (sendo este último extremamente importante para o livro como um todo).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>Há muitas monografias sobre o uso do AT em Mateus. Exemplos das mais representativas são: MENKEN, M. J.J., *Matthew's Bible: the Old Testament text of the evangelist*. BETL 173; (Leuven: Leuven University Press/Peeters, 2004); BEATON, R. *Isaiah's Christ in Matthew's Gospel*, SNTSMS 123; (Cambridge: Cambridge University Press, 2002); MILLER, J. *Les citations d'accomplissement dans l'Évangile de Matthieu: Quand Dieu se rend présent en toute humanité*. AnBib 140; (Rome: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1999); McCONNELL, R.S., *Law and prophecy in Matthew's Gospel: the authority and use of the Old Testament in the Gospel of St. Matthew* (Basel: Friedrich Reinhardt, 1969); STENDAHL,

Ao todo, podemos contar 60 referências ao AT e muitas alusões.<sup>11</sup>

Ainda que nosso propósito seja analisar apenas o impacto de Isaías, especialmente o tema do novo Éxodo sobre a estrutura e teologia de Mateus como um todo, uma visão geral das principais citações do AT pode ser útil ao leitor.

## 2.1 Uma visão geral das principais citações do AT em Mateus

1. Isaías 7.14 (Mt 1.22–23) predisse que o Messias nasceria de uma virgem.
2. Miqueias 5.2 (Mt 2.6) predisse que o Messias nasceria em Belém.
3. Oséias 11.1 (Mt 2.15) predisse que o Messias seria chamado para fora do Egito.
4. Jeremias 31.15 (Mt 2.18) predisse o massacre das crianças.
5. Isaías 40.3 (Mt 3.3) predisse que um profeta no deserto prepararia para a vinda do Senhor.
6. Isaías 9.1-2 (Mt 4.14-16) predisse que o Messias viria para a Galileia dos gentios.
7. Isaías 53.4 (Mt 8.17) predisse que o Messias tomaria nossas doenças e carregaria nossas enfermidades como um cordeiro sacrificial.
8. Miqueias 7.6 (Mt 10.35-36) predisse que o Messias colocaria os membros da família uns contra os outros.
9. Isaías 26.19; 29.18; 35.5; 42.18; e 61.1 (Mt 11.5; 15.31) predisse que o Messias daria vista aos cegos, faria os coxos andarem, faria os surdos ouvirem, ressuscitaria os mortos e pregaria boas novas aos pobres.
10. Éxodo 23.20 e Malaquias 3.1 (Mt 11.10) predisseram que um mensageiro precederia a vinda do Messias.
11. Isaías 42.1-4 (Mt 12.18–21) previu que o Messias não seria barulhento ou pretensioso.
12. Isaías 6.9-10 (Mt 13.14-15) previu que os ensinamentos do Messias seriam mal compreendidos.

---

K., *The school of St. Matthew and its use of the Old Testament* (Philadelphia: Fortress Press, 1968 [1954]); GUNDRY, R.H. *The use of the Old Testament in St. Matthew's Gospel: with special reference to the messianic hope*. NovTSup 18; (Leiden: Brill, 1967).

<sup>11</sup>NOLLAND, John. *The Gospel of Matthew: a commentary on the Greek text*, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2005), p. 29.

13. O Salmo 78.2 (Mt 13.35) previu que o Messias ensinaria por parábolas.
14. Isaías 29.13 (Mateus 15.8-9) predisse que o povo de Deus se rebelaria contra ele e ensinaria coisas falsas.
15. Malaquias 4.5 (Mt 17.10-13) previu que a vinda do Messias seria precedida pela chegada de uma figura semelhante a Elias.
16. Isaías 62.11 e Zacarias 9.9 (Mt 21.5) previram a entrada triunfal do Messias em Jerusalém.
17. Zacarias 13.7 (Mt 26.31) previu que os discípulos do Messias o abandonariam.
18. Zacarias 11.13 (Mt 27.9) previu que o Messias seria traído por trinta moedas de prata.
19. Salmos 22.1-2,6-8,18 (Mt 27.35, 43, 46) predisse que as pessoas iriam apostar pelas vestes do Messias e zombariam dele e que o Pai o abandonaria durante seu sofrimento na cruz.<sup>12</sup>

## 2.2. A estrutura do Evangelho de Mateus

Há várias propostas diferentes para a estruturação de Mateus, mas as duas principais giram em torno de marcadores linguísticos importantes ao longo do livro.

A primeira forma foca em organizar o material em torno dos cinco grandes discursos de Jesus nesse Evangelho, a saber:

- (1) o Sermão da Montanha: caps. 5—7
- (2) diretrizes da missão aos Doze: cap. 10
- (3) parábolas do reino: cap. 13
- (4) discipulado e disciplina: cap. 18
- (5) escatologia: caps. 24—25

Com esse fundamento estrutural, a forma de organizar o material anterior e posterior a cada discurso varia muito e não é nosso propósito detalhar esse ponto. Entretanto, essa estruturação é inteiramente legítima, pois o próprio

---

<sup>12</sup>QUARLES, Charles L. *A Theology of Matthew: Jesus revealed as deliverer, king, and incarnate creator*, org., Robert A. Peterson. Explorations in Biblical Theology (Phillipsburg: P&R Publishing, 2013), p. 28-9.

autor marca o final de cada discurso com uma frase parecida: Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς τοὺς λόγους τούτους<sup>13</sup> (Ao concluir Jesus esse discurso...; Mt 7.28; A21). Alguns tentaram vincular cada discurso com um livro do meguilot (Rute, Ester, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Lamentações), mas se sucesso. O mais provável é que esse refrão estrutural que se repete no final de cada grande discurso é uma alusão ao texto grego de Dt 32.45: καὶ συνετέλεσεν Μωυσῆς λαλῶν παντὶ Ισραὴλ<sup>14</sup> (“E, acabando Moisés de falar todas essas palavras a todo o Israel...” (A21)).

A segunda característica estruturante mais comum é talvez a mais amplamente aceita, apesar de ser menos útil para explicar agrupamentos menores de ensino ou tradições narrativas. Essa segunda forma de estruturar Mateus foca em dois “pontos centrais” marcados pela frase “desde então começou Jesus...” (4.17; 16.21). Estas duas ocorrências da frase separam o Evangelho em três seções:

- (1) a pessoa do Messias: 1.1-4.16
- (2) a proclamação do Messias: 4.17-16.20
- (3) a paixão do Messias: 16.21-28.20

O principal problema em identificá-los como marcadores estruturais deliberados é que eles não podem ser claramente separados dos poucos versículos que os precedem imediatamente, de modo que não agem realmente como frases de “título” para as novas seções. Entretanto, independe do modo de pensarmos o todo de Mateus, é inegável que o livro de Isaías desempenha uma função importantíssima em quase cada bloco de conteúdo desse Evangelho.

### 2.3.Um breve panorama do uso de Isaías em Mateus

Apresento aqui, de forma suscinta, as citações explícitas de Isaías em Mateus (não estão inclusos, portanto, as alusões e os ecos):

---

<sup>13</sup>Aland, Kurt et al. *Novum Testamentum Graece*, 28th Edition (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012), Mateus 7.28.

<sup>14</sup>*Septuaginta*: with morphology, electronic ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979), Deuteronômio 32.45.

- 1) 1.1-2.23 – ‘A virgem dará à luz um filho’ [Mt 1.23 = Is 7.14]
- 2) 3.1-4.11 – ‘O caminho do Senhor no deserto’ [Mt 3.3 = Is 40.3]
- 3) 4.12-7.29 – ‘Uma grande luz na Galileia’ [Mt 4.15-16 = Is 9.1-2]
- 4) 8.1-10.42 – ‘Ele levou embora as nossas doenças’ [Mt 8.17 = Is 53.4]
- 5) 11.1-12.45 – ‘Caniços quebrados e julgamento gentio’ [Mt 12.17-21 = Is 42.1-4]
- 6) 12.46-13.58 – ‘Ouvir e compreender’ [Mt 13.14-15 = Is 6.9-10]
- 7) 14.1-16.12 – ‘Ensinando as tradições dos homens’ [Mt 15.8-9 = Is 29.13]
- 8) 16.13-21.11 – ‘O Rei vindo a Sião, gentil’ [Mt 21.5 = Is 62.11 e Zacarias 9.9]
- 9) 21.12-25.46 – ‘Casa de oração’ ou ‘covil dos ladrões’ [Mt 21.13 = Is 56.7 e Jr 7.11]
- 10) 26.1-28.20 – ‘Pastor e ovelhas’ (e Galileia) [Mt 26.31 = Zacarias 13.7 e Is 53.4-6]

Analizar cada citação está muito além dos limites desse artigo. Entretanto, pontuaremos como o tema do novo *Êxodo* aparece nessas citações e como influenciam o texto mateano.

## 2.4. O novo *Êxodo* de Isaías em Mateus

Nessa seção, devido ao grande número de passagens envolvidas, evitarei intencionalmente a superlotação de citações de comentários sobre Mateus. Ainda que em diálogo com essas obras de referência, manterei minha própria e breve interpretação das passagens em questão, para fins de clareza e brevidade (segundo o princípio *brevitas et claritas (ou facilitas)* da hermenêutica de Calvino).

### 2.4.1 A nova criação através do novo *Êxodo* realizado pelo Rei davídico

A tese de doutorado de Todd Kinde sobre o uso de Isaías em Mateus 1-4 demonstra que, as quatro citações explícitas do AT nessa seção inicial de Mateus, a primeira e a última são de Isaías. Portanto, “esta colocação proeminente de referências a Isaías sugere a importância de Isaías no desenvolvimento estrutural e teológico desse Evangelho”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup>KINDE, T. M. *The influence of Isaiah in Matthew 1-4* (dissertação de doutorado) (University of Chester, United Kingdom, 2019), p. 185.

Os primeiros capítulos de Mateus citam Isaías 7.14, 40.3 e 9.1-2. Na seção de Isaías 7-11, a figura central do cap. 7 (o menino Emanuel), é o mesmo do capítulo 9 (o menino, filho de Davi, que recebe nomes divinos e se assenta no trono eternamente) que volta a aparecer no cap. 11 (o Messias, filho de Davi, que reina capacitado pelo Espírito). Enquanto o rei Acaz (de Judá) temia Rezim (rei da Síria) e Peca (rei de Israel) e queria se proteger fazendo uma aliança com o rei da Assíria, Deus ordena que Acaz confie em Deus para livramento da ameaça desses dois reis (Is 7.1-9). O sinal da presença de Deus sobre Judá seria o nascimento de um menino chamado Emanuel (Is 7. 16). Confiar na Assíria seria trazer um julgamento divino sobre si, que é descrito aludindo ao Egito na ocasião das 10 pragas no livro do Éxodo (Is 7.17-19). Mesmo em meio desse caos de desobediência e punição, Deus promete um novo Éxodo no futuro, brilhando sua luz em meio às trevas, por meio de um filho de Davi com atributos divinos e um reiando pacífico e eterno (Is 9.1-7). Esse novo Éxodo já é implicitamente misturado com o tema da nova Criação através da alusão de luz e trevas em Isaías 9.1-2. O Messias que, pelo Espírito, estabelece a nova criação através de um novo Éxodo é o tema do cap. 11 de Isaías. Essa grande narrativa escatológica perpassa todo o livro de Isaías, especialmente os caps. 40—66. O cap. 40 começa mostrando o mensageiro de boas-novas (evangelho!) preparando o caminho do Senhor para o novo Éxodo. Lembrando o sinal prometido (O Deus conosco) a Acaz em 7.14, o mensageiro anuncia a presença redentora de Deus: aqui está o vosso Deus (Is 40. 9). O livramento agora não é da Síria, Assíria ou Israel, mas da Babilônia. O retorno de Judá da Babilônia não terá um mar abrindo — como foi a saída do Egito — mas de modo análogo terá seus vales e montanhas nivelados para o retorno do povo de Deus (Is 40.4). Assim, como argumentou Bo H. Lim, se Isaías for lido como uma unidade, então o líder do novo Éxodo pode ser visto como um rei, o rei davídico em particular.<sup>16</sup>

Na leitura mateana, Jesus é esse Messias, filho de Davi, que tanto no seu nascimento-infância, como no seu ministério público, anunciado por João Batista, cumpre essas promessas isaiânicas. Cumpre, mas de modo escatológico, ou seja,

---

<sup>16</sup>LIM, Bo H. *The “Way of the Lord” in the Book of Isaiah*, Library of Hebrew Bible/OT Studies 522 (New York: T&T Clark, 2010), p. 161. Aqui, Lim está seguindo de perto Strauss e Watts.

o cativeiro que Jesus nos liberta, não é a Assíria ou a Babilônia, mas ele nos salva dos nossos próprios pecados (Mt 1.21) e derrota, não reis humanos, mas o próprio Diabo no deserto (Mt 4.1-11). Portanto, o novo Éxodo escatologicamente inaugurado por Jesus é soteriológico e não político, espiritual e não terreno.

#### 2.4.2 O novo Éxodo através do servo sofredor

Em uma seção concentrada com atos miraculosos de Jesus (Mt 8—9),<sup>17</sup> logo após o primeiro grande discurso do livro (Mt 5—7), a citação de Isaías 53.4 em Mt 8.17 fundamenta essa seção que, por sua vez, fundamenta o próximo grande discurso sobre a missão dos doze (Mt 10), seguindo o paradigma da missão de Jesus apresentada nesses caps. 8—9.

A citação seguinte, Isaías 42. 1-4 em Mateus 12.17-21 continua o tema do servo sofredor. Em uma passagem marcada pelos conflitos contra os fariseus, a citação de Isaías 42 introduz o tema da salvação dos gentios e antecipa a citação de Isaías 6.9-10 em Mateus 13.14-15 (3º discurso) sobre o endurecimento do coração que impossibilita ouvir e entender as palavras de Jesus.

Nessas duas passagens de Isaías, dentro do contexto de Isaías 40—55, mostram que o exílio físico e espiritual de Israel (representados em Mateus pelos líderes e fariseus) terminará. O NE será efetuado pela morte do servo sofredor, que morre no lugar do povo. Essa morte vicária é o NE que traz a nova criação, trazendo cura espiritual e física, salvando até mesmo os gentios (para outras passagens em Isaías mostrando o poder de cura física do novo Éxodo, ver Is 29. 18, 32.3-4 e 35. 5-6).

A próxima citação é de Isaías 29.13 em Mateus 15.8-9, continuando o tema da cegueira espiritual introduzido pela citação anterior de Isaías 6. O contexto de Isaías 29 retoma o êxodo e aponta para o novo Éxodo. Em uma teofania de juízo contra Judá que alude à teofania do Sinai (Is 29.6), devido ao pecado do povo que estava lhes causando cegueira espiritual, cegueira esta que os impedia de ler o Livro da Lei de forma adequada (29.11-13). O livramento futuro é descrito com a linguagem do êxodo (29. 17-24). Por isso, é inútil confiar no Egito (cap. 30), pois

---

<sup>17</sup>Para um estudo detalhado sobre a influência de Isaías em Mateus 8—9, ver THEOPHILOS, Michael, *Jesus as new Moses in Matthew 8—9: Jewish typology in first century Greek literature* (Perspectives on philosophy and religious thought, USA: Gorgias Press, 2013).

a salvação vem apenas de Deus (cap. 31), que através do seu Rei justo, derrama o Espírito e renova a criação (cap. 32).

Os exemplos até aqui examinados são suficientes para demonstrar a importância colossal do *INE* em Mateus. As demais citações continuam no mesmo tom, mesmo as compostas. Por exemplo, Zacarias 9—10 e Jeremias 7 estão fundamentados também no tema do êxodo e novo Éxodo.

## 2.5. Conclusão

Todas as citações examinadas neste breve tópico desempenham um papel significativo na narrativa mateana, servindo para validar, moldar e infundir conteúdo na apresentação da vida e do significado de Jesus para a comunidade primitiva de seus seguidores.<sup>18</sup> Embora possa parecer que servem principalmente para reforçar o ponto de vista do autor, para Mateus, elas oferecem a perspectiva de Deus sobre os acontecimentos retratados no drama evangélico. Embora poucos discordem da noção de que as citações com fórmulas são completamente cristológicas, validando a apresentação de Jesus por Mateus como o tão esperado Messias dos judeus, elas também situam Jesus e a sua geração firmemente no centro do continuum da história da salvação, um momento significativo no calendário escatológico.<sup>19</sup>

Nas citações de Isaías encontramos uma riqueza de temas que resumem elementos centrais do evangelho. A cristologia, a escatologia, o problema da rejeição judaica, a inclusão dos gentios, a crítica à religião judaica estabelecida e a renovação final são todas encontradas nas citações de Isaías.<sup>20</sup>

Assim, duas obras recentes sobre Cristologia Mateana, a do Charles L. Quarles<sup>21</sup> e do Patrick Schreiner,<sup>22</sup> enfatizam corretamente uma tipologia posi-

---

<sup>18</sup>BEATON, Richard. *Isaiah in Matthew's Gospel*. In: MOYISE, Steve; MENKEN, Maaten J. J., orgs., *Isaiah in the New Testament: The New Testament and the Scriptures of Israel* (London and New York: T & T Clark, 2005), p. 75.

<sup>19</sup>Ibidem.

<sup>20</sup>Ibidem, p. 78.

<sup>21</sup>QUARLES, Charles L. *A theology of Matthew: Jesus revealed as deliverer, King, and incarnate creator*, org., Robert A. Peterson, Explorations in Biblical Theology (Phillipsburg: P&R Publishing, 2013), p. 33-69.

<sup>22</sup>SCHREINER, Patrick. *Matthew, disciple and scribe: the first gospel and its portrait of Jesus* (Grand Rapids: Baker Academic, 2019), p. 131-68.

tiva entre Moisés e Jesus em Mateus, e a implicação é: Jesus como novo Moisés efetua/inaugura o NE através da sua morte na cruz. Portanto, é evidente a influência fundante de Isaías não apenas sobre a teologia/cristologia de Mateus, mas também sobre a estruturação do texto como um todo, inserindo citações isaiânicas em momentos chave da narrativa (a própria conclusão do livro com a grande Comissão forma um *inclusio* com a citação inicial de Isaías sobre o Emanuel — o Deus conosco encarnado estará conosco todos os dias!)

### 3. INE em Lucas (com breves menções a Atos)

O Evangelho de Lucas é claramente influenciado pelo tema do êxodo e pelo tema do novo Éxodo de Isaías<sup>23</sup> ao descrever a vida de Jesus.<sup>24</sup> Lucas se esforça muito para desenvolver uma conexão positiva entre Moisés e Jesus.<sup>25</sup> Ele também apresenta Jesus como o libertador que dará início ao novo Éxodo escatológico.<sup>26</sup>

Há quatro citações explícitas de Isaías no evangelho de Lucas. Duas delas também ocorrem em Marcos e Mateus (Is 40.3-5; Is 56.7), embora Lucas acrescente substancialmente à citação de Isaías 40. 3-5 em Lucas 3.4-6. Ao tratar dessas passagens nos concentraremos nos elementos lucanos. Duas citações são encontradas apenas no evangelho de Lucas: Isaías 61.1-2 (com uma inserção de 58.6) em Lucas 4.18-19 e Isaías 53. 12 em Lucas 22.37. Há cinco citações explícitas em Atos: Isaías 66.1-2a (7. 49-50); Isaías 53. 7-8c (8. 32-33); Isaías 55.3 (13. 34); Isaías 49.6 (13. 47) e Isaías 6. 9-11a (28. 26-27).

---

<sup>23</sup>O novo Éxodo e o servo sofredor são os dois temas mais influentes de Isaías em Lucas.

<sup>24</sup>ESTELLE, Bryan. *Echoes of exodus: tracing a biblical motif* (InterVarsity Press: Downers Grove, 2018), p. 236.

<sup>25</sup>MÁNEK, Jindrich, “The New Exodus in the Books of Luke,” Novum Testamentum (January 1957): 8-23. Veja também RICHARDSON, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament* (New York: Harper & Row, 1958), p. 181-5.

<sup>26</sup>Cf. STRAUSS, Mark L. *The Davidic Messiah in Luke–Acts: the promise and its fulfillment in Lukan christology*, JSNTSup 110 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995), p. 301. LIM, Bo H. The “Way of the Lord” in the Book of Isaiah, Library of Hebrew Bible/OT Studies 522. New York: T&T Clark, 2010; DAVIS, Carl Judson. *The name and way of the Lord: Old Testament themes, New Testament christology*, JSNTSup 129 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996).

Embora Lucas use menos citações de Isaías do que de Mateus, isso não indica que Isaías seja menos importante para ele. Não é simplesmente a quantidade de citações que é importante, mas a qualidade delas. Lucas posiciona Isaías estreitamente próximo da estrutura de sua obra dupla, citando-o em lugares importantes na narrativa.<sup>27</sup> É notável que Lucas use citações ou alusões de Isaías em passagens onde aparecem personagens importantes.<sup>28</sup> Quando João Batista, Jesus e Estêvão aparecem, Lucas introduz uma citação de Isaías. Lucas atribui a Paulo na cena final de Atos uma citação a Isaías. Isso indica que Isaías é uma chave fundamental para a compreensão de Lucas-Atos como um todo.<sup>29</sup>

### 3.1 Desenvolvimentos recentes na leitura do INE em Lucas-Atos

Como estamos vendo, o tema do novo Éxodo é massivo em Isaías. Para fins de traçar sua influência em Lucas, os principais elementos deste tema podem ser definidos da seguinte forma: um “caminho” é preparado para o Senhor no deserto (Is 40.3-5; 43.19); Deus virá como guerreiro para derrotar os opressores de Israel (40.10; 42.13; 49.24-25); o Senhor tirará o seu povo do cativeiro e os pastoreará ao longo do “caminho” (51,12-16; 52,11-12; 40,11); Deus derramará seu Espírito sobre eles e os ensinará (44.3; 48.17); e finalmente Deus será entronizado em uma Sião/Jerusalém restaurada (40.9; 52.1-10).<sup>30</sup>

Na academia, embora Jervell tenha sido o primeiro a enfatizar o tema da restauração do Israel cativo e a vinda do reino de Deus,<sup>31</sup> foi apenas nos anos de 1990 que N. T. Wright começou a enfatizar essa restauração como um novo Éxodo.<sup>32</sup> Nos estudos lucanos, Mark Strauss e Max Turner desenvolveram esse

---

<sup>27</sup>KOET, Bart J. *Isaiah in Luke-Acts*, in: MOVISE, Steve; MENKEN, Maaten J. J. org. *Isaiah in the New Testament: the New Testament and the Scriptures of Israel* (London and New York: T & T Clark, 2005), p. 80.

<sup>28</sup>Cf. STEYN, G J. *Septuagint Quotations in the Petrine and Pauline Speeches of the Acta Apostolorum*, CBET 12; Kampen: Kok, 1995.

<sup>29</sup>Cf. MALLEN, Peter. *The reading and transformation of Isaiah in Luke-Acts* (Library of New Testament Studies 367. NY: T&T Clark International, 2008).

<sup>30</sup>TURNER, M. *Power from on high: the Spirit in Israel's restoration and witness in Luke-Acts*. JPTS 9; (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996), p. 247

<sup>31</sup>JERVELL, J., *Luke and the people of God: a new look at Luke-Acts* (Minneapolis: Augsburg, 1972), p. 41-3, 52-6.

<sup>32</sup>Cf. WRIGHT, N. T. *The New Testament and the people of God* (London: SPCK, 1992), p. 268-79; e idem, *Jesus and the victory of God* (London: SPCK, 1996), p. 126-8, 209, 243.

tema. Strauss argumentou que o principal paradigma bíblico que está por trás da narrativa de viagem no Evangelho de Lucas é o novo Éxodo escatológico retratado em Isaías 40–55<sup>33</sup>.

O estudo de Turner oferece uma investigação detalhada sobre a compreensão do Espírito por Lucas, com foco nos textos do Espírito em Lucas 1—4 e Atos 2. Ele sugere que o conceito unificador por trás de Lucas 1—4 é o anúncio da libertação de Israel no novo Éxodo.<sup>34</sup>

A investigação mais completa do uso que Lucas faz do tema do NE, entretanto, é a monografia de David Pao. Ele argumenta que o programa do novo Éxodo de Isaías fornece tanto o quadro estrutural para a narrativa quanto os motivos controladores dentro desta estrutura.<sup>35</sup> Lucas usa esta história bíblica de uma maneira eclesiológica para desenvolver a identidade do movimento cristão primitivo como o verdadeiro povo de Deus em face de reivindicações concorrentes.<sup>36</sup>

### 3.2 Impactos estruturais e teológicos do INE em Lucas

Como o impacto do INE em Lucas-Atos já foi amplamente dissertado (o leitor pode consultar a bibliografia referenciada nas notas), iremos apenas pontuar e resumir alguns dados importantes.

Pao defende a importância crucial de Isaías 40.3–5 na narrativa (Lc 3.4–6; cf. 1. 17,76; 2.30; At 28.28) como “uma lente hermenêutica sem a qual todo o programa lucano não pode ser adequadamente compreendido”.<sup>37</sup> Ele sugere que no judaísmo do Segundo Templo esta passagem foi interpretada como prevendo a chegada iminente da era escatológica de salvação e evocou o programa mais amplo do NE de Isaías 40—55.<sup>38</sup> Num movimento interpretativo significativo, Pao afirma que “o caminho” (Is 40.3) se refere não apenas ao evento salvífico

---

<sup>33</sup> STRAUSS, M. L. *The davidic Messiah in Luke-Acts: the promise and its fulfilment in Lukian Christology*. JSNTSup, 110 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995), p. 285–305.

<sup>34</sup> TURNER, M. *Power from on high: the Spirit in Israel's restoration and witness in Luke-Acts*. JPTSUp, 9 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996), p. 244–50, 266.

<sup>35</sup> PAO, D. W., *Acts and the Isaianic new Exodus*. WUNT, 2/130 (Tübingen: Mohr Siebeck, 2000), p. 249–50.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 5, 250.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 41–5.

quando Yahweh vem para redimir o seu povo, mas também como um termo que redefine o verdadeiro povo de Deus (At 9.2; 19.9, 23; 22.4; 24.14)<sup>39</sup>. Para Pao, é esse segundo sentido que é determinante em Atos. Portanto, o termo não se refere principalmente a Jesus, mas antes à comunidade cristã como “a verdadeira herdeira das tradições ancestrais”.<sup>40</sup>

Após a tentação no deserto, o começo do ministério público de Jesus em Lucas é marcado pela leitura pública, na sinagoga, de Isaías 61. 1-2 (com uma inserção de 58.6) em Lucas 4.18-19. Isaías 61 contém muitas alusões bíblicas, especialmente deÊxodo e Levítico (e do próprio material anterior de Isaías, como o cap. 11, p. ex.).<sup>41</sup> Isaías 61, avançando o argumento do cap. 58 (talvez por isso unidos em Lucas 4), ao se apropriar e reaplicar o material isaiânico anterior e o Pentateuco, serve como uma ponte para a “teologização” do exílio em livros como Jeremias, Ezequiel, Esdras-Neemias, etc.<sup>42</sup> Essa “teologização” do exílio significa que ele se estende para além do cativeiro babilônico (e suas dimensões geográficas e políticas), mas que Deus iria lidar com isso de forma definitiva num futuro NE, trazendo a nova criação como resultado desse processo de libertação escatológica. Para Lucas, Jesus é quem já cumpre essa passagem.

A próxima citação, Isaías 56.7 em Lucas 19.45-47, está dentro do contexto dessa nova marcação na macro-estrutura de Lucas, a saber, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Lc 19.28-40). Desde Lucas 9.51 (virada mais importante na narrativa do livro), Jesus passa de seu ministério inicial na Galileia para uma firme resolução de ir para Jerusalém (para morrer e ressuscitar). Toda essa seção de “viagem” de Jesus e seus seguidores é fortemente fundamentada na teologia de Isaías. Inclusive, Lucas é o único evangelista a relevar o conteúdo da conversa entre Jesus, Moisés e Elias no monte da transfiguração, i.e., estavam falando sobre o “êxodo” ( $\xi\zeta\deltaος$ ) de Jesus (Lc 9. 28-36). O contexto de Isaías 56 mostra

---

<sup>39</sup> Ibiem, p. 58, 65-8.

<sup>40</sup>Ibidem, p. 68.

<sup>41</sup>Para o uso do material bíblico em Isaías 61, veja SWEENEY, Marvin. “The Reconceptualization of the Davidic Covenant in Isaiah”. In *Studies in the Book of Isaiah* (Leuven: Leuven University Press, 1997), 53-7.

<sup>42</sup>Para uma análise mais profunda da intertextualidade bíblica em Isaías 61, veja GREGORY, Bradley C. “The Postexilic Exile in Third Isaiah: Isaiah 61:1-3 in Light of Second Temple Hermeneutics”. *Journal of Biblical Literature*, vol. 126, n. 3 (Fall, 2007), p. 475-96.-

que o NE que se manifestará no futuro, ao Deus salvar (56.1) e reunir seu povo Israel (56.8), ele também salvaria os gentios. A inclusão dos gentios no NE abre as portas do Templo, para ser uma casa de oração para todos os povos. Unir Isaías 56 com Jeremias 7.11 é significativo, pois no contexto do juízo sobre o templo por causa dos pecados do povo em Jeremias 7, Deus através do profeta usa a narrativa do Éxodo para exortar seu povo (Jr 7.21-26).

Lucas 22.37 carrega a última citação de Isaías (53.12) no livro. No clímax da narrativa, no próprio ambiente que antecede a crucificação, a citação do servo sofredor é pujante. É ainda mais significativa se levarmos em conta que o relato da crucificação em Lucas é considerado o que contém menos explicações teológicas nos quatro Evangelhos. Toda a história do cumprimento do NE de Isaías culmina aqui: é o servo que morre na cruz o meio pelo qual Deus traria essa salvação escatológica para todos os que confessam Jesus, quer sejam judeus ou gentios.

### 3.3 Conclusão

Como nosso recorte se limita aos Evangelhos Sinóticos, não analisaremos Atos, embora Isaías também seja proeminente para a estrutura e teologia desse segundo volume de Lucas (as citações estão na introdução dessa seção). Nossa análise de Lucas mostrou-se promissora e em consonância dos Mateus e Marcos, ainda que Lucas tenha suas próprias peculiaridades e propósitos.

## 4. Conclusão: INE nos Sinóticos e suas implicações literárias e teológicas

O presente estudo pode servir como uma janela a mais para pensarmos o problema sinótico, ou seja, a relação literária entre Mateus, Marcos e Lucas. Cada um dos evangelistas estruturou seu texto de forma diferente, com públicos-alvo e propósitos específicos diferentes, ainda que sigam uma mesma linha narrativa do nascimento, vida/ministério, morte e ressurreição de Jesus.

Nessa unidade e diversidade dos Sinóticos, o livro de Isaías se mostrou proeminente, sendo citado em momentos chave de cada Evangelho, como se o tema do NE compusesse a própria arquitetura literária desses livros (e suas “colunas” teológicas).

Entretanto, a influência de Isaías, para além do literário, é determinante também no aspecto teológico. À luz de toda literatura citada, não podemos mais

dizer, de forma leiga, que apenas em João vemos a divindade de Cristo de forma clara. Muito pelo contrário, a divindade de Cristo está presente de forma inequívoca no começo, meio e fim de cada um dos Sinóticos, assim como em João. Jesus é YHWH em carne, cujo caminho fora preparado por João Batista. YHWH voltou a Sião como prometida, trazendo a salvação final do NE. Esse êxodo, para o qual os anteriores apontavam, foi realizado de forma inesperada — mas ainda sim predita — pela morte do servo sofredor. O resultado do novo Éxodo é a nova criação. Vemos lampejos da criação renovada através das curas e milagres do ministério de Jesus, mas ela foi finalmente inaugurada com a ressurreição física dentre os mortos, a saber, com a ressurreição do próprio Cristo. Assim, divindade e humanaidade se unem em uma só pessoa, não dentro de uma mera abstração filosófica, mas dentro de uma grande, maravilha e antiga narrativa — Evangelho!



### Sobre o autor

É casado com Vitória, pai da Alice e do Nicolas. Graduado em Teologia (*Seminário Martin Bucer*) e em Letras (*PUC-Campinas*). Pós-graduado em Novo Testamento (*UNIFIL*) e em Psicolinguística (*Metropolitana*). Mestrando em Novo Testamento (*Seminário Teológico Jonathan Edwards*). Professor de Teologia em vários seminários teológicos do país.

# O apoio da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos ao Estado de Israel

*Franklin Ferreira*



No meio do atual clima de escalada do antisemitismo, onde alunos apoiam os terroristas do Hamas no pátio das melhores universidades ocidentais gritando “morte aos judeus!”, como as igrejas evangélicas têm se posicionado?<sup>1</sup> Ainda que muitas das denominações protestantes tenham aderido ao supersessionismo e sido contaminadas pela mentira de que antissemitismo e antisemitismo não são a mesma coisa, uma denominação protestante norte-americana tem uma história consistente de apoio aos judeus e ao Estado de Israel.

A Convenção Batista do Sul (SBC, *Southern Baptist Convention*) é uma denominação protestante norte-americana, com quase 14 milhões de membros e 47 mil igrejas espalhadas pelos Estados Unidos, na atualidade. É a maior organização batista do mundo, o maior grupo protestante e segundo maior grupo

---

<sup>1</sup>Publicado originalmente no jornal *Gazeta do Povo*, em 16 de maio de 2024, em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/convencao-batista-do-sul-eua-israel/>. Reproduzido com autorização.

cristão nos Estados Unidos. A SBC não é uma denominação no sentido de ser uma igreja hierarquicamente organizada, mas é uma união de igrejas que voluntariamente unem seus esforços em questões em comum, como missões e educação teológica. Esse espírito cooperativo se baseia em convicções bíblicas da fé comum e seu entendimento sobre a igreja local, conforme resumido na confissão de fé *Mensagem & Fé Batista 2000*. Suas igrejas afiliadas são evangélicas em doutrina e prática, enfatizando a importância da experiência da conversão individual, que é testemunhada por o fiel ser batizado em sua profissão de fé no evangelho de Cristo. A SBC, por meio de seus missionários enviados por sua junta missionária, conhecida como *International Mission Board* (IMB), foi fundamental no plantio de igrejas batistas no solo brasileiro, a partir de 1882, e com a organização da Convenção Batista Brasileira, em 1907, e que hoje tem um milhão e oitocentos mil membros e 13 mil igrejas afiliadas espalhadas pelo Brasil.

A SBC é reconhecida pelo seu forte apoio teológico ao Estado de Israel. Pode-se citar uma amostra de declarações emitidas pela SBC em apoio a Israel, que refletem o compromisso desta denominação com questões relacionadas ao povo judeu e ao Estado de Israel, sobretudo nos últimos 50 anos:

1. Resolução sobre o apoio aos judeus na Rússia (1974): Expressou solidariedade e apoio aos judeus na União Soviética, que enfrentavam restrições religiosas e políticas. Também instou o governo dos Estados Unidos a tomar medidas para proteger os direitos humanos dos judeus na Rússia.
2. Resolução sobre o Estado de Israel (1978): Assegurou o apoio da SBC ao direito de Israel existir como uma nação soberana e independente. Também reconheceu o vínculo histórico e espiritual entre o povo judeu e a terra de Israel.
3. Resolução sobre Jerusalém (1995): Afirmou o apoio da SBC à soberania de Israel sobre Jerusalém como sua capital indivisível. Também instou o governo dos Estados Unidos a reconhecer Jerusalém como a capital de Israel e a transferir a embaixada dos Estados Unidos para lá.
4. Resolução sobre o terrorismo em Israel (2002): Condenou veementemente os ataques terroristas contra civis israelenses e expressou solidariedade ao povo judeu.

riedade com o povo de Israel em sua luta contra o terrorismo. Também pediu orações pela paz e segurança em Israel.

5. Resolução sobre o apoio a Israel (2006): Garantiu o apoio da SBC ao Estado de Israel e condenou os ataques terroristas contra Israel. Também pediu orações pela paz em Israel e na região do Oriente Médio.
6. Resolução sobre a segurança de Israel (2010): Reiterou o compromisso da SBC com a segurança e a soberania de Israel. Além disso, expressou preocupação com as ameaças à segurança de Israel, incluindo o desenvolvimento de armas nucleares pelo Irã.
7. Resolução sobre o direito de Israel à autodefesa (2014): Reafirmou o direito de Israel à autodefesa contra ameaças e ataques terroristas. Também expressou preocupação com a segurança e o bem-estar do povo israelense em meio a conflitos na região.
8. Resolução sobre o antisemitismo (2017): Condenou o antisemitismo em todas as suas formas e expressões. Também expressou solidariedade com o povo judeu e reafirmou o compromisso da SBC com a promoção da justiça e da paz.
9. Resolução sobre o reconhecimento de Israel (2018): Elogiou a decisão do governo dos Estados Unidos de reconhecer Jerusalém como a capital de Israel e de transferir sua embaixada para aquela cidade. Também reafirmou o apoio da SBC à soberania de Israel sobre Jerusalém.
10. Declaração evangélica em apoio a Israel (2023): Condenou o ataque do grupo terrorista Hamas contra Israel em 7 de outubro de 2023, que deixou 1.143 mortos, 3.400 feridos e 247 sequestrados. Estes pronunciamentos sintetizam suas perspectivas: “No rastro das atrocidades agora cometidas contra o povo de Israel pelo Hamas, nós [...] condenamos inequivocamente a violência contra os vulneráveis, apoiamos plenamente o direito e o dever de Israel de se defender contra novos ataques e insistimos urgentemente todos os cristãos a orar pela salvação e paz do povo de Israel e Palestina”. E depois: “Embora nossas perspectivas teológicas sobre Israel e a Igreja possam variar, estamos unidos em considerar os ataques contra o povo judeu especialmente preocupantes, já que eles têm sido frequentemente alvos de seus vizinhos desde que Deus os chamou como seu povo nos dias de Abraão”. Também enfatizou que desde a

criação do estado de Israel, em 1948, “ele enfrentou inúmeros ataques, incursões e violações de sua soberania nacional”. Destacando que Israel é a única presença democrática na região, afirmou: “O povo judeu tem sofrido há muito tempo tentativas genocidas de erradicá-los e destruir o estado judeu. Essas ideologias antisemitas mortais e ações terroristas devem ser combatidas”. Por fim, apoia a resposta militar de Israel contra o grupo terrorista Hamas: “Em conformidade com a tradição cristã da guerra justa, também afirmamos a legitimidade do direito de Israel de responder [militarmente] contra aqueles que iniciaram esses ataques, já que Romanos 13 concede aos governos o poder de empunhar a espada contra aqueles que cometem tais atos malignos contra a vida inocente”.<sup>2</sup>

Esses exemplos demonstram o contínuo compromisso das igrejas batistas afiliadas da SBC com o apoio a Israel e ao povo judeu, bem como o interesse da denominação em questões relacionadas à segurança, soberania e bem-estar do Estado de Israel e do povo judeu.

No entanto, esse apoio da SBC a Israel é o resultado de um processo que se desenvolveu por décadas e que foi precedido por uma variedade de opiniões entre os batistas sobre o movimento sionista, que culminou na fundação do Estado de Israel, em 1948. É o que defende Walker Robins, historiador e palestrante no Merrimack College, em Massachusetts, especialista em relações judaico-cristãs, sionismo cristão e nas relações entre os Estados Unidos e Israel, e autor de *Between Dixie and Zion: Southern Baptists and Palestine Before Israel*.<sup>3</sup> Ele resumiu algumas reflexões de seu livro em um seminário online, ocorrido em 3 de novembro de 2022.<sup>4</sup>

De fato, de acordo com Robins, uma denominação protestante que viria a adotar inúmeras resoluções em favor de Israel rejeitou em sua assembleia anual de

---

<sup>2</sup>Cf. “Evangelical Statement in Support of Israel”, ERLC, October 11, 2023, em: <https://erlc.com/resource-library/statements/israel/>.

<sup>3</sup>A dissertação de doutorado, *Between Dixie and Zion: Southern Baptists’ Palestine Questions*, que deu origem ao livro, e defendida na Universidade de Oklahoma, pode ser lida aqui: <https://shareok.org/bitstream/handle/11244/23313/Walker%20Robins%20-%20Dissertation%20-%202015.pdf?sequence=1>.

<sup>4</sup>Cf. “Southern Baptist support for Israel has traveled a winding road, scholar explains”, *Baptist News Global*, November 7, 2022, em: <https://baptistnews.com/article/southern-baptist-support-for-israel-has-traveled-a-winding-road-scholar-explains/>.

1948 agradecer ao presidente Harry Truman, membro de uma igreja batista ligada à SBC, por seu papel no estabelecimento do Estado de Israel. “A maioria dos batistas do sul realmente não priorizava a questão da Palestina como uma questão política”, disse ele sobre o que era então um debate internacional ocorrendo há décadas sobre como dividir a região entre judeus e árabes. “Não havia um senso generalizado de que os batistas do sul tinham, ou deveriam ter, uma perspectiva particular sobre a questão da Palestina, ou sobre o sionismo ou sobre os objetivos da população árabe”. Antes de 1948, Robins acrescentou, “o que eu encontrei em vez disso é que os batistas do sul tinham várias prioridades que moldaram a maneira como pensavam e escreviam sobre a Palestina, sobre a terra, sobre o povo e sobre a política da região”.

O livro de Robins examina essas perspectivas batistas compartilhadas por peregrinos em viagem pela região, pastores de igrejas locais nos Estados Unidos, líderes denominacionais e missionários convertidos do judaísmo e islamismo. No seminário online Robins se concentrou nos escritos de quatro missionários e uma editora de publicações da SBC que expressaram várias opiniões sobre Israel, o sionismo e os árabes.

## Shukri Mosa

Robins começou com Shukri Mosa, um árabe muçulmano que se converteu ao cristianismo e se tornou batista por meio das pregações de George Truett, pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, enquanto trabalhava como vendedor ambulante no estado do Texas, no início dos anos 1900. Ele foi ordenado ao pastoreado nos Estados Unidos, antes de retornar com sua esposa, Munira, à Palestina otomana, como missionário, em 1911, enviado pela Associação Batista do Sul de Illinois. Seus artigos em revistas da SBC e no *Baptist Standard* do Texas transmitiam a preocupação de Mosa de que o movimento sionista pudesse prejudicar seus esforços de evangelização em e ao redor de Nazaré, onde fundou uma igreja batista: “Ele estava alertando os líderes batistas em casa que os sionistas estavam comprando terras ao redor de Nazaré. Ele alerta aos líderes batistas da IMB da SBC que os sionistas estavam interessados em possivelmente estabelecer uma escola perto de Nazaré”.

Robins citou um artigo de 1922 do *Baptist Standard* no qual Mosa reclama que “esses novos judeus, ou pelo menos a maioria deles, são pessoas não religiosas.

Eles não acreditam na Bíblia como os antigos judeus e nós cremos; eles não reconhecem o *shabat*; eles comem qualquer tipo de carne; eles raramente são vistos na sinagoga; eles são imorais. [...] Eles têm um grande ódio pelo cristianismo e por cristãos”, sendo “mais bolcheviques [comunistas] do que judeus”. Mas a crítica de Mosa aos sionistas não significava apoio político à causa árabe na região. “Se você realmente examinar o contexto desses artigos e as coisas que ele estava dizendo sobre o sionismo, o que ele realmente está tentando fazer é acender uma chama [pela região] entre os batistas do sul e ajudá-los a ampliar o apoio financeiro à missão [em Nazaré]”, disse Robins.

No extremo oposto estava o missionário batista do Texas, William Alexander Hamlett, enviado pela IMB. Ele, junto com sua esposa, chegou à região em 1921, prometendo criar igrejas, escolas e hospitais. Em menos de um mês, ele retornou para o Texas – não sem antes quase destruir a Missão Batista em Nazaré. Tendo retornado aos Estados Unidos, Hamlett fez campanha contra a Missão em uma série de artigos e discursos, alegando que era impossível manter uma missão na então Palestina Britânica. Mosa ficou constrangido e suplicou aos líderes batistas do sul nos Estados Unidos que enviassem outros missionários que pudessem “reabilitar nosso grande nome batista”, após o fracasso de Hamlett. Ao retornar ao Texas, Hamlett renunciou ao pastorado e se associou à Ku Klux Klan. Em 1923 a IMB, para ajudar com a situação causada por Hamlett, enviou os casais J. Wash e Mattie Watts e Fred e Ruth Pearson, para apoiar o ministério de Mosa. Como fruto desse serviço, na atualidade há uma Associação de Igrejas Batistas em Israel, com 17 igrejas e 900 membros.

## Leo Eddleman

Missionário da SBC, por meio da IMB, Leo Eddleman estava inicialmente otimista quanto ao sionismo quando chegou à região, vindo dos Estados Unidos, em 1936. Ele serviu em Jerusalém, Tel Aviv e Nazaré. Eddleman, que depois se tornou reitor do New Orleans Baptist Theological Seminary, era conhecido por sua maestria tanto em hebraico quanto em árabe. Ele atribuía essas habilidades ao toque de recolher ocorrido durante o Mandato Britânico da Palestina, dizendo que havia pouco a fazer, além de estudar do nascer ao pôr do sol.

De acordo com Robins, Eddleman “era, inicialmente, muito entusiasmado com a possibilidade de receber [dos sionistas] uma abertura para os missionários

batistas do sul que estavam tentando alcançar judeus para [Jesus] Cristo. E essa esperança foi compartilhada pela maioria dos missionários batistas do sul que começaram a chegar [na região] a partir dos anos 1920". Eddleman, que serviu na região até 1941, foi encorajado por um componente da ideologia sionista que conectava a identidade judaica com a nacionalidade, não com a religião, disse Robins. "Então, os missionários realmente assumiram esse ponto e argumentaram que, se a 'judaicidade' é uma questão de identidade nacional em vez de religião, então não deveria ser um problema para os judeus se converterem ao cristianismo".

Mas o missionário acabou se decepcionando ao descobrir que os próprios sionistas não viam as coisas dessa maneira. Como explicou Robins: "Na verdade, a maioria dos sionistas com quem ele falou sobre o assunto se opuseram à sua mensagem em nome do sionismo, e isso realmente começou a frustrá-lo, e você pode ouvir suas frustrações em questão de meses após sua chegada ao solo na Palestina [Britânica]". A frustração se transformou em desconfiança, e, no meio e no final dos anos 1940, Eddleman escreveria ao presidente Truman para alertá-lo sobre as possíveis conexões sionistas com o comunismo.

## Robert Lindsey

Mas onde Eddleman via limitação, Robert Lindsey via oportunidade, disse Robins. Esse missionário da IMB, acompanhado de sua esposa, Margaret, chegou em Jerusalém em 1945. Lindsey havia estado região como estudante, em 1939, e já possuía um bom conhecimento do hebraico. Ao chegar em Jerusalém, ele residiu na Casa Batista no bairro de Rehavia, fundada em 1925. Lindsey serviu na Casa Batista (conhecida atualmente como Igreja Batista de Jerusalém<sup>5</sup>) ao longo das próximas quatro décadas.

Quase um ano após o estabelecimento do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, Lindsay, que também era um erudito especializado nos estudos dos Evangelhos Sinóticos, comprou uma área de 15 acres perto de Petah Tikva, em nome da IMB. A fazenda tornou-se conhecida como Vila Batista, e serviu como orfanato, internato, acampamento e centro de retiro. Lindsey, que dirigiu a Vila Batista de 1956 a 1959, tornou-se pai de dezenove órfãos árabes e judeus. Ele sofreu um grave ferimento em 1961 ao tentar resgatar um dos órfãos, Edward Salim

---

<sup>5</sup>*Jerusalem Baptist Church in Jerusalem*, em: <https://jerusalembaptistchurch.org/>.

Zoumout. O missionário pisou em uma mina terrestre e perdeu o pé esquerdo, e se tornou um herói em Israel. Em 1960 ele foi o tradutor do destacado evangelista batista Billy Graham, quando este visitou Israel.

“O próprio Lindsay veio a se identificar muito profundamente com o movimento sionista. Ele foi ativamente inspirado por ele”, disse Robins. “Ele era um grande estudioso do hebraico, e ele começou a desenvolver um vocabulário que os missionários poderiam usar para mudar a maneira como os cristãos falavam sobre aspectos do cristianismo na língua hebraica. Ele queria torná-lo mais amigável para os ouvidos judaicos. Ele argumenta realmente pela renovação da fé cristã à luz de suas raízes judaicas”. E, para ele, o movimento nacionalista judaico seria “algo a que a Missão [Batista] precisaria se adaptar, e isso orientou a maneira como ele falou sobre o sionismo quando escrevia aos batistas do sul em casa [nos Estados Unidos]”, disse Robins.

## Jacob Gartenhaus

Nenhuma pessoa ou evento isolado foi responsável pela gradual inclinação da SBC para uma postura pró-sionista antes de 1948, o ano da criação do Estado de Israel. Em vez disso, esta foi uma causa defendida por pessoas importantes, como o incansável convertido batista do judaísmo, Jacob Gartenhaus.<sup>6</sup>

Criado em um lar judaico ortodoxo na Áustria, Gartenhaus se mudou para a cidade de Nova York por volta dos vinte anos, quando passou a confiar em Jesus como o Messias e o Salvador, após ler a passagem bíblica de Isaías 53. Perseguido por amigos e abandonado por sua família, ele se tornou um missionário da SBC, por meio de sua Junta de Missões Norte Americana (NAMB, *North American Mission Board*), para alcançar para a fé no Messias os judeus do sul dos Estados Unidos. Mas ele foi muito bem-sucedido em defender entre os batistas do sul o sionismo, o Estado de Israel e a evangelização dos judeus. Seus escritos teológicos sobre as virtudes do sionismo foram influentes em toda a convenção, disse Robins: “Ele acreditava que as promessas de pacto entre Deus e o povo de Israel eram permanentes, que os judeus permaneciam o povo escolhido de Deus, que

---

<sup>6</sup>“Jacob Gartenhaus: ‘Eu preferiria morrer do que renunciar a Ele’ (1896-1984)”, *Jewish Testimonies*, em: <https://www.jewishtestimonies.com/pt/jacob-gartenhaus-eu-preferiria-morrer-do-que-renunciar-a-ele-1896-1984/>

a Palestina [sic] permanecia como sua terra prometida e ele acreditava que essas promessas pactuais seriam cumpridas em ligação com a segunda vinda de Cristo".

Para Gartenhaus, o ódio aos judeus e o verdadeiro cristianismo são mutuamente exclusivos. Aqueles que perseguem os judeus não podem, na realidade, ser cristãos, "porque qualquer pessoa que odeie qualquer ser humano, judeu ou não, não tem direito de se dizer cristão". Assim, os cristãos só devem abordar os judeus com um espírito de amor: "Deus é amor [...] então, quando você se aproximar de um judeu, certifique-se de que seu coração está cheio disso".<sup>7</sup>

Baseada no mandamento bíblico e na prioridade da evangelização dos judeus, como ensinado nas Escrituras, a visão de Gartenhaus era dupla: ajudar e capacitar igrejas existentes a cumprir a Grande Comissão, alcançando tanto judeus quanto gentios para o evangelho; e fundar novas igrejas perto de comunidades judaicas. Para tanto, ele serviu na NAMB por 27 anos. Em 1949 ele fundou a Junta Internacional de Missões Judaicas (IBJM), que tem missionários em muitas cidades dos Estados Unidos e em 18 países ao redor do mundo. Porém, a conversão mais gratificante do ministério de Jacob foi a de seu próprio pai, que havia se mudado para a Palestina otomana na década de 1910 e lutava para seguir as tradições dos rabinos. Mas, aos 90 anos, confessou Jesus como o Messias durante o último encontro que Jacob teve com ele.<sup>8</sup>

## Myrtle Creasman

Uma líder batista que foi fortemente influenciada por Gartenhaus foi Myrtle Robinson Creasman, editora de programas para a *Royal Service*, um periódico da União Feminina Missionária da SBC, que informava os batistas do sul dos Estados Unidos sobre os vários campos servidos por seus missionários. Como ela escreveu em 1935, a Terra Santa, então sob domínio britânico, tinha dado ao mundo "sua maior raça, os judeus; seu maior livro, a Bíblia; seu maior homem, [Jesus] Cristo; e sua maior religião, o cristianismo!" Esta era a terra "onde a história da terra se concentra e para a qual a profecia aponta como o lugar da realização do plano de Deus para o mundo".

---

<sup>7</sup>Walker Robins, "Jacob Gartenhaus: The Southern Baptists' Jew", *JSR* Volume 19 (2017), em: <https://jsreligion.org/vol19/robins/>.

<sup>8</sup>Doug Kutilek, "Jacob Gartenhaus — a true Israelite", *Baptist Bible Tribune*, em: <https://www.tribune.org/jacob-gartenhaus-a-true-israelite/>.

“Hoje, os olhos do mundo estão voltados para esta terra”, escreveu Creasman, “observando ansiosamente os eventos que estão ocorrendo lá, lendo novamente as profecias [bíblicas] que ainda devem se cumprir dentro de suas fronteiras, perguntando-se qual novo propósito Deus está realizando naquele local privilegiado do globo”. Creasman estava certa de que “a Palestina [Britânica] será redimida [...] a bandeira da cruz tremulará triunfante sobre a terra do Senhor”. De acordo com Robins: “Myrtle Creasman é uma das batistas do sul mais importantes do início do século 20. [...] Ela seguiu Gartenhaus. [...] Ela acreditava que o sionismo era parte do plano de Deus para a história. Então, quando ela está escrevendo sobre a Palestina [sob domínio britânico] como um campo missionário, ela traz essa perspectiva e essas ideias começariam a ser disseminadas em toda a convenção [Batista do Sul]”.

Os líderes da SBC na época não endossavam a crença no pré-milenismo dispensacionalista ou o papel proeminente dos judeus na Terra Santa nos dias anteriores à segunda vinda do Senhor Jesus – na verdade, o pré-milenismo dispensacional era considerado “*unBaptistic*”. E nem todos os pré-milenistas da SBC eram sionistas. No entanto, o controverso J. Frank Norris, pastor da Primeira Igreja Batista em Fort Worth, no Texas, travou batalhas duras contra pastores e instituições batistas do sul dos Estados Unidos, em parte por seu compromisso inabalável com o pré-milenismo e o sionismo. Em 1948, Norris e seus aliados tentaram fazer com que a convenção da SBC parabenizasse o presidente Harry Truman por reconhecer oficialmente o Estado de Israel, mas os delegados representantes das igrejas na convenção se recusaram a fazê-lo – provavelmente por várias das polêmicas envolvendo Norris.

## Uma interpretação de Israel a partir da fé

Mosa, Eddleman, Lindsey, Gartenhaus e Creasman “refletem essa diversidade mais ampla [sobre os judeus e Israel] que se tem dentro da SBC durante esses anos” de 1911 a 1948, disse Robins. Não houve “um senso generalizado de uma única perspectiva batista do sul sobre a questão da Palestina”. Mas um tema quase universal entre os batistas do sul na época, independentemente de como viam a questão de Israel, era “identificar o movimento sionista com a civilização ocidental e a modernidade e o progresso material, em contraste com os árabes, que eles viam como atrasados ou pitorescos, no máximo”, acrescentou ele.

Os missionários e peregrinos batistas da época interpretavam os sionistas e a terra de Israel à luz da profecia bíblica. Essa abordagem implicava que os eventos na região estavam inseridos em um plano divino na história, interpretável de várias maneiras, seja pré-milenistas ou pós-milenistas. Havia uma percepção generalizada de que as dinâmicas na região estavam entrelaçadas com os desígnios de Deus, independentemente das interpretações específicas desses desígnios. O que deve ser destacado é que os batistas do sul abordavam a questão da terra de Israel sob uma perspectiva predominantemente religiosa, desvinculada de partidarismos políticos. Seus missionários na região também adotavam a mentalidade da peregrinação, considerando Israel como a Terra Santa. Assim, a visão da SBC sobre os judeus e a terra de Israel era moldada mais por considerações bíblicas e teológicas do que por análises políticas.

As ações realizadas pelo grupo terrorista Hamas contra Israel, em 7 de outubro de 2023, exigem inequívoco apoio internacional a Israel. Também é crucial que a comunidade cristã se posicione em solidariedade com Israel. Reconhecendo os laços históricos entre judeus e cristãos, baseados na tradição bíblica, a SBC condenou veementemente o terrorismo praticado pelo Hamas contra Israel. Esta condenação está relacionada à compreensão fundamental dos batistas de que alcançar os judeus e defender seu direito de existir e viver na Terra Prometida é crucial para cumprir a Grande Comissão (Mt 28.18-20), que orienta os seguidores de Jesus a fazer discípulos em todas as nações; o Grande Mandamento (Mt 22.36-40), que destaca o amor a Deus e ao próximo como base da Lei; e as promessas divinas feitas na aliança que o único Deus estabeleceu com Abraão (Gn 12.1-3; 15.1-21; 17.1-21), que incluem bênçãos para todos os povos por meio de seu descendente, o Messias, Jesus Cristo, o maior dos judeus. Como cristãos, os batistas do sul dos Estados Unidos reconhecem que a história de Israel e seu papel na revelação divina são elementos centrais de sua própria fé e compreensão da redenção.



Franklin Ferreira

### Sobre o autor

Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pós-graduado em Bíblia e Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Doutor em Divindade pelo Puritan Reformed Theological Seminary. É reitor e professor de teologia sistemática e história da igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo, professor-adjunto no Puritan Reformed Theological Seminary, em Grand Rapids-MI, nos Estados Unidos, e consultor acadêmico de Edições Vida Nova. Autor de vários livros, entre eles Teologia Sistemática (este em coautoria com Alan Myatt), A Igreja Cristã na História, Avivamento para a Igreja, Contra a Idolatria do Estado e Pilares da fé, publicados por Edições Vida Nova, e Servos de Deus e O Credo dos Apóstolos, publicados pela Editora Fiel.

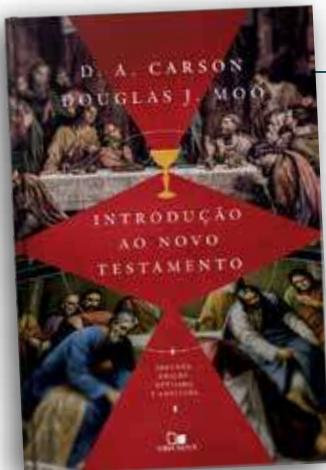
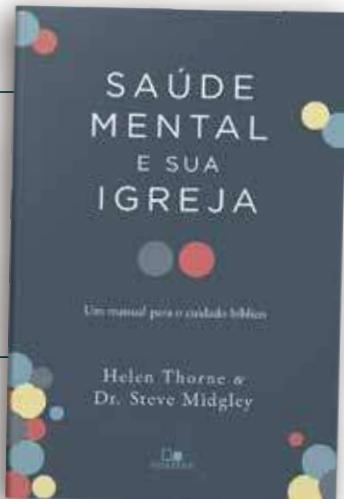
# Lançamentos

## Saúde mental e sua igreja

Um manual para o cuidado bíblico

Helen Thorne e Steve Midgley | 14x21 cm | 224 p.

Esse livro compassivo e prático oferece entendimento e sabedoria bíblica para ajudar pessoas em nossas igrejas que enfrentam batalhas constantes com pensamentos, sentimentos, impulsos ou vozes perturbadoras.



## Introdução ao Novo Testamento - 2ª Ed. revisada e ampliada

D. A. Carson e Douglas J. Moo | 16x23 cm | 1024 p. | Capa Dura

Uma obra altamente aclamada, agora revisada e ampliada, torna-se ainda mais valiosa.

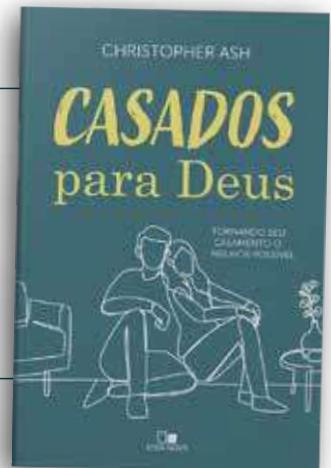
O estudioso do Novo Testamento encontrará nessa obra uma ajuda de inestimável valor para suas pesquisas acadêmicas. Livro a livro, o leitor será conduzido a uma análise segura, clara e equilibrada.

## Casados para Deus

Tornando seu casamento o melhor possível

Christopher Ash | 14x21cm | 192 p.

Christopher Ash nos afasta do casamento centrado em nós mesmos e nos orienta a um casamento a serviço de Deus. Com aplicações práticas para o dia a dia, Ash nos mostra os propósitos e padrões de Deus para cada parte do relacionamento conjugal.



### O céu reina

Tenha coragem. Descanse. Nossa Deus está no controle.

Nancy DeMoss Wolgemuth | 14x21 cm | 240 p.

Usando como guia o livro de Daniel, Nancy DeMoss Wolgemuth revela como enxergar o mundo pelas lentes de que o céu reina nos protege do pânico e renova nossa esperança.



### Em defesa da verdade

A teologia trinitária de John Owen

Carl R. Trueman | 16x23 cm | 272 p.

Essa obra faz uma exposição e análise da teologia do grande teólogo puritano John Owen, com ênfase em seu forte trinitarismo. O Dr. Carl Trueman, renomado historiador da igreja, argumenta que, para entender Owen, é preciso vê-lo como um representante da tradição trinitária ocidental e antipelagiana no século 17.

### Convite à Septuaginta

Karen H. Jobes e Moisés Silva | 16x23 cm | 496 p.

Essa obra didática, abrangente e acessível apresenta aos leitores as versões gregas do Antigo Testamento. É acessível a estudantes sem nenhum conhecimento prévio sobre a Septuaginta, mas também é informativa para estudiosos experientes. Os autores, destacados estudiosos da Septuaginta, exploram sua história, as diversas versões disponíveis e sua importância para os estudos bíblicos.

